Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Sábado 29.6.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 681 / € 2,00 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

ATRASOS AGRAVADOS

SÓ 18% DAS EMPRESAS CUMPREM PRAZOS DE PAGAMENTO E HÁ 68,2 MIL MILHÕES DE EUROS EM DÍVIDA

DINHEIRO VIVO

MANUEL FERNANDES 1951-2024

O ÍDOLO DE UMA GERAÇÃO QUE FOI UM CAMPEÃO NO FUTEBOL E NA VIDA

PÁGS. 22-23

SISTEMA DE RADARES VAI SER REFORÇADO. JÁ HOUVE MAIS DE 216 MIL MULTAS ATÉ MAIO

TRÂNSITO Evitar os acidentes com feridos graves e mortos é o grande objetivo do Sistema Nacional de Controlo de Velocidade (SINCRO). As infrações baixaram, mas há uma média de cerca de 43 mil multas por mês, só este ano.

PÁGS. 14-15

GUERRA NO LÍBANO?

DEPOIS DO HAMAS EM GAZA, É O HEZBOLLAH QUE ESTÁ NA MIRA DE ISRAEL

REPORTAGEM PÁGS. 4-7

DN

Belém
Calendários políticos e desentendimentos ameaçam pacto para a justiça

PÁG. 10

EUA
Derrota de Biden no debate abriu outro debate: será melhor ele ceder o lugar?

PÁG. 17

Exclusivo com Kevin Costner
"Nunca fui um tipo de modas, gosto de coisas populares"

PÁGS. 24-25

PORTUGAL MARTÍNEZ É O 3.º SELECIONADOR MAIS BEM PAGO DO EURO 2024 | **ALEMANHA** LUTA CONTRA O ADEUS DE KROOS PÁGS. 20-21

Até ver...

Pedro Sequeira
Editor Executivo do Diário de Notícias

A Lisboa que desaparece

Não nasci nem estudei ou vivi em Lisboa. Mas a cidade nunca me foi um corpo estranho. Bem pelo contrário. Fosse para fazer uma compra mais específica, para tratar de algum documento ou apenas por lazer, a capital esteve sempre à distância de uma curta travessia do Tejo de barco (em criança não tão curta como atualmente, pois a viagem durava uma hora) ou de carro (esta bastante mais facilitada desde 1998, com a inauguração da Ponte Vasco da Gama). Lisboa é também a cidade onde desenvolvo a minha atividade profissional, já lá vão 25 anos, tendo passado por diversos lugares, desde o Bairro Alto às Torres de Lisboa, Marquês de Pombal ou zona do Saldanha. Estou longe de poder dizer que a conheço como as palmas das minhas mãos, mas sei navegar por ela e tenho pontos de referência, sobretudo memórias, que me permitem perceber a sua transformação. Ainda assim, a forma como esta acelerou nos últimos anos não deixa de me apanhar desprevenido.

Há uns dias, na companhia da minha filha, e sem qualquer plano prévio, dei por mim a "turistar" na Baixa. Numa das chamadas Lojas Históricas de Lisboa, quase centenária, os produtos que comercializa mantêm-se fiéis à tradição e à qualidade que sempre lhes reconheci e que me faz desviar de rota só para lá ir. O que mudou foi a clientela, agora maioritariamente composta por estrangeiros. Um grupo de turistas asiáticos está a ser atendido e a empregada da casa flutua facilmente entre o inglês e o francês para responder às perguntas que lhe fazem (interrogo-me se hoje, para trabalhar ao balcão numa loja em zona turística, é obrigatório ser fluente em línguas...). Enquanto esperamos a nossa vez, um outro funcionário, português, dirige-se a nós e pede licença para passar. "*Excuse me*", diz-nos, ao que respondo: "Força!" Reagiu com um sorriso e um esgar de surpresa. O sentimento é recíproco.

É evidente que não é isso que me vai afastar de um novo regresso à loja e até podia nem sequer estar agora a recordar o assunto não fosse logo a seguir ter ido a um café nas proximidades – igual a tantos outros que se espalham pela cidade como uma praga, 'bonitinho', decorado com objetos antigos e a servir refeições ligeiras – e ser cumprimentado com um *"hello"* quando me dirigi à caixa. Coincidências? Ou sinal de que hoje, cada vez mais, o verdadeiro turista na Baixa de Lisboa é o português?

No final de maio, o jornal espanhol *El País* publicou uma reportagem intitulada "Lisboa morre de sucesso", onde dá conta do emagrecimento da população residente na capital e da avalanche turística que esta conheceu na última década e que, aos poucos, vai desvirtuando o carisma da cidade e a experiência diferenciadora que tem para oferecer. É um movimento que traz muita receita (não só a Lisboa, como ao país num todo), mas que, por outro lado, tem o revés de fazer aumentar o valor das rendas e de diminuir o número de residências disponíveis, com a deslocação de centenas de imóveis para o setor do Alojamento Local. E é também um movimento que, por enquanto, não dá sinal de estar a abrandar. Ainda este mês um dos programas televisivos mais vistos pelos norte-americanos, o *Good Morning America*, da gigante emissora ABC, contou com vários diretos a partir de Portugal, promovendo de tudo um pouco: dos incontornáveis pastéis de nata às grutas de Benagil, no Algarve. No primeiro trimestre do ano, segundo o INE, o número de hóspedes em Portugal superou os 5,55 milhões (mais 7,7% na comparação com o período homólogo) e praticamente 1,7 milhões ficaram alojados na região da Grande Lisboa.

O passeio desta tarde pela Baixa faz-se, sem dúvida, por ruas repletas de gente. Seguimos até à Praça do Comércio e sentamo-nos por breves momentos junto ao rio. Olho o Tejo e vejo barcos de todas as cores, de tradicionais fragatas que ganharam nova vida a outros mais modernos, carregados de turistas, quando antigamente eram sobretudo os cacilheiros e os *ferrys* para a Margem Sul que marcavam a paisagem, transportando milhares de passageiros que trabalhavam na capital. No Cais das Colunas, um casal de idosos desce de mão dada até uma pequena língua de areia e molha os pés descalços na água do Tejo. O momento até podia ser comovente, mas não deixo de reparar que cada onda do rio traz consigo centenas de beatas de cigarros, alguns copos de plástico e outro tipo de sujidade. Ainda assim, parecem, de facto, satisfeitos por estar ali, dando razão a uma frase da reportagem do *El País*: "Sem se dar muita conta, Lisboa entrou no clube das cidades carismáticas que só fazem felizes os visitantes."

O dia não terminaria sem mais uma pequena desilusão. Num quiosque da Baixa procurámos os poucos autocolantes que nos faltavam para completar a coleção do Euro 2024. Enquanto dizíamos, um a um, os números da nossa lista, íamos recebendo, do dono do quiosque, vários avisos do género "ui, esse é muito complicado" ou "isto não vai ficar barato". No final, tínhamos 14 dos que precisávamos e pedimos o preço: "100 euros". Engoli em seco. A justificação era que alguns dos que queria eram "cromos dourados" [especiais] e que não os podia vender por menos de 20 euros cada um. Agradeci, pedi desculpa pelo tempo que tomei e, como é óbvio, recusei a "oferta". Uns metros mais ao lado funciona outro espaço de troca e venda destes autocolantes. Para não dar o tempo por perdido, lá fomos tentar a nossa sorte, e, para meu espanto, os "cromos dourados" que ali ao lado custavam 20 euros aqui eram vendidos por três... Lamentavelmente, o jeitinho português de tentar lucro fácil vai resistindo neste canto da cidade. O mais estranho é ter a sensação de que ainda vou sentir a falta dele. No dia em que a gentrificação em curso transformar este quiosque de jornais em mais um ponto de venda de ímanes para o frigorífico, desses que proliferam como cogumelos na Baixa desta Lisboa que se vai apagando aos poucos.

OS NÚMEROS DO DIA

2553

MILHÕES DE EUROS

O Estado registou um défice de 2553,2 milhões de euros até maio, o que reflete um decréscimo de 6351,1 milhões de euros relativamente ao mesmo mês de 2023, foi ontem anunciado pela Direção-Geral do Orçamento. Para esta evolução contribuíram os efeitos conjugados da diminuição da receita (3,7%) e do aumento da despesa (12,5%).

7

POR CENTO

O dinheiro transferido de Portugal para contas sediadas em paraísos fiscai' recuou 7% em 2023, para 6,9 mil milhões de euros, divulgou a Autoridade Tributária e Aduaneira.

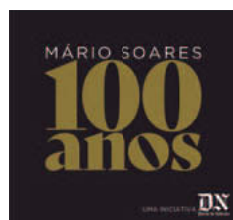
27

DETIDOS

Vinte e sete pessoas suspeitas de estarem envolvidas nos planos do grupo ambientalista Just Stop Oil para perturbar os aeroportos britânicos foram detidas na última semana no Reino Unido.

7465

CIRURGIAS

Mais de 7400 dos nove mil doentes com cancro identificados no Plano de Emergência da Saúde foram operados entre 18 de maio e 21 de junho, 98% dos quais no SNS, anunciou a ministra da Saúde.

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

ISRAEL

Guerra no Líbano? Depois do Hamas em Gaza, é o Hezbollah que está na mira

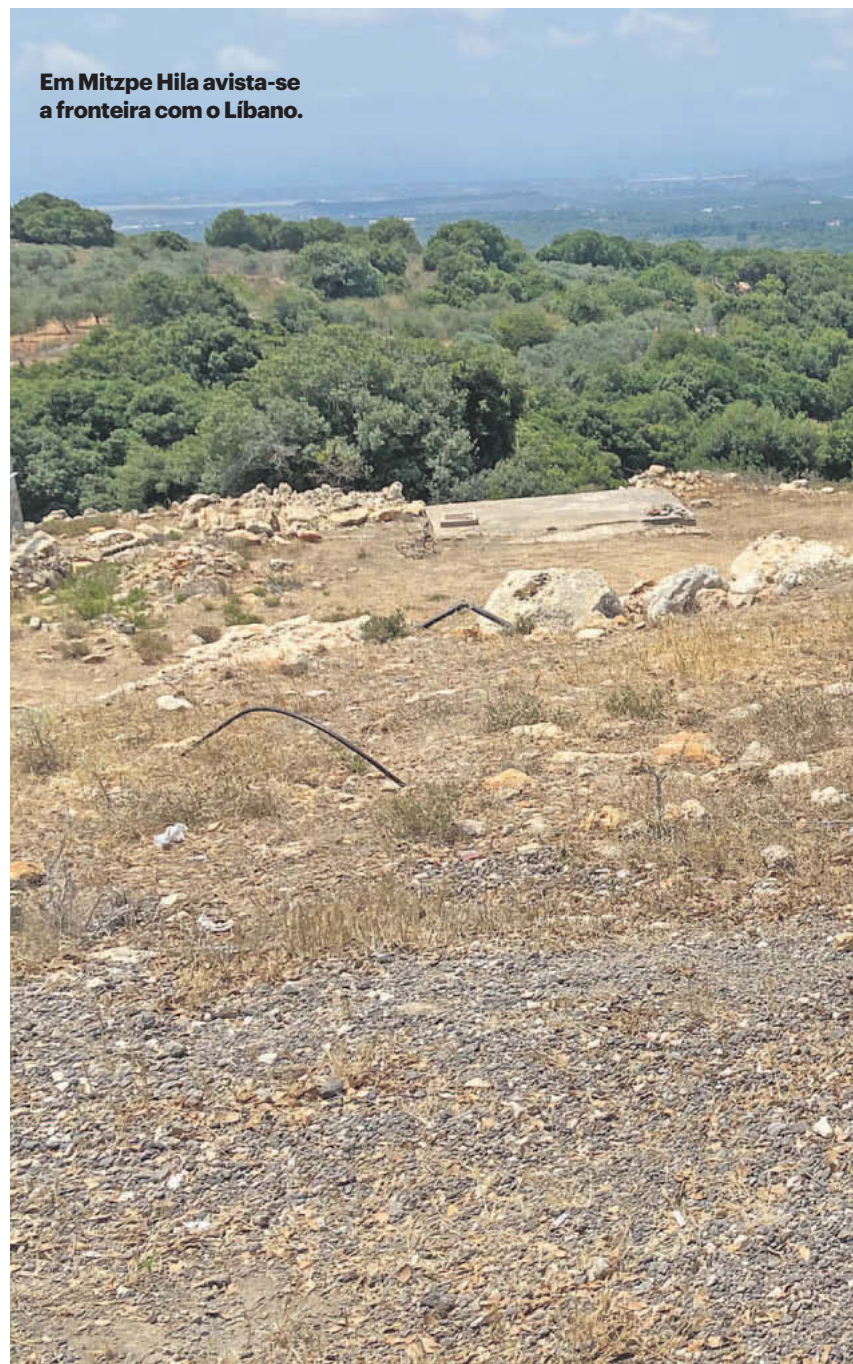
CONFLITO Desde 7 de outubro que o movimento xiita libanês lança *rockets* contra tudo o que se mexa no outro lado da fronteira. Cerca de 80 mil israelitas tiveram de deixar as suas casas. Governo de Netanyahu ameaça abrir uma nova frente a Norte, depois de concluída operação em Gaza. Militares dizem estar preparados para nova guerra, agora no Líbano.

TEXTO **LEONÍDIO PAULO FERREIRA,** EM MITZPE HILA

Em Mitzpe Hila avista-se a fronteira com o Líbano.

"Está a ver aquela estrada ali em ziguezague? Para a esquerda dela é o Líbano, para a direita é Israel. Daqui vê-se Adamit, e ali está Hanita, outro *kibutz*", aponta um militar israelita para duas serras que correm em paralelo e onde passa a fronteira. Pede para que não o identifique. Só dois oficiais, também aqui presentes, têm autorização para falar com os jornalistas. Estamos a oito quilómetros em linha reta do Líbano, e o zumbido por cima de nós é um drone de vigilância do IDF (sigla em inglês para forças armadas israelitas), programado para reagir a qualquer ataque do Hezbollah, que nos últimos oito meses tem fustigado a região da Galileia, obrigando 80 mil pessoas a deixar as suas casas ao longo de todo o norte de Israel. "São refugiados no seu próprio país", como insistentemente tenho ouvido nestes dias de reportagem em Israel, quase tanto como a tese de estar próxima uma muito provável guerra a somar à de Gaza. Ainda na quinta-feira, de visita a Washington, o ministro da Defesa israelita, Yoav Gallant, ameaçou "devolver o Líbano à idade da pedra" se o Hezbollah não parar, mesmo que sublinhasse que preferia evitar nova guerra.

Não parou. Ontem houve 25 *rockets* disparados e três drones. Mas a 12 de junho, o movimento xiita libanês chegou a disparar mais de 200 *rockets* em poucas horas, depois de um ataque israelita ao Líbano ter morto um dos seus comandantes. "Não há um único dia de paz aqui no Norte de Israel" desde que a 7 de outubro, data do massacre de 1200 israelitas nas vizinhanças de Gaza, o Hezbollah decidiu apoiar o Hamas, explica o tenente-coronel Yarden. Junto com outro tenente-coronel, Oren, que pede igualmente para utilizar apenas o primeiro nome, relata a situação na frente Norte a um grupo de jornalistas europeus e americanos. "Fomos enviados para aqui logo a seguir a 7 de outubro. Temíamos um ataque vindo do Líbano como o que aconteceu junto a Gaza mas não o permitimos", afirma Yarden, que garante que o moral dos soldados continua alto apesar do desgaste, pois muitos, como ele, são reservistas que tiveram de deixar para trás o emprego e a família. Com 54 anos, o tenente-coronel Yarden conta ser de Jerusalém e na vida civil trabalhar no *import-export* e no turismo. "Estamos preparados para tudo. Estou aqui desde outubro, só fiz uma pequena pausa em março", diz, por seu lado, Oren, de 46 anos, com três filhos, e que em Telavive, onde vive, é gerente numa empresa de tecnologia. Estão ambos com farda de combate, de metralhadora M16 a tiracolo, com carregadores presos ao peito e uma pequena mochila às costas. Yarden usa óculos de ver, descaídos no nariz, Oren está de óculos de sol. Falam um inglês perfeito, marcado aqui e além pelos erres carregados do sotaque hebraico.

O ponto de encontro foi marcado pelo próprio IDF para perto de Mitzpe Hila, no topo de uma colina salpicada de oliveiras, não longe de uma quinta com vinhedos que nestes meses tem estado abandonada, e muito dificilmente virá alguém em setembro para a vindima. Até por existir cada vez mais possibilidade de haver uma guerra entre Israel e o Hezbollah em grande escala, se os ataques com *rockets* e drones armados não pararem. O próprio primeiro-ministro Benjamin Netanyahu já disse que à medida que a operação militar em Gaza for sendo concluída, o Líbano pode ser a próxima guerra numa luta que os israelitas consideram ser existencial contra os vários aliados do Irão, desde o Hamas ao Hezbollah, passando pelos houthis que a partir do Iémen lançam mísseis contra o sul do Estado Judaico e contra navios ocidentais no mar Vermelho. O próprio Irão lançou em retaliação por um ataque ao seu consulado na Síria centenas de drones e vários tipos de mísseis contra Israel na noite de 13 para 14 de abril, destruídos em grande medida pelo Iron Dome, ou "cúpula de ferro", o sofisticadíssimo sistema antimíssil israelita, e o resto pelos aviões de vários países amigos, nomeadamente dos Estados Unidos , o aliado número um.

"Faltam mais umas semanas para terminarmos em Gaza e as tropas poderem vir para Norte", afirma o tenente-coronel Yarden. "Teremos de parar com estes ataques. Depois da guerra de 2006, e a resolução 1701 da ONU, era suposto a comunidade internacional manter afastado o Hezbollah da fronteira mas isso não aconteceu. Não tenho dúvidas de que se a opção for a guerra, teremos baixas mas ganharemos. Já há cem mil refugiados também no lado libanês por causa desta situação e muitos libaneses não têm coragem para o dizer mas não querem ficar reféns dos interesses do Hezbollah. O povo libanês pode pagar muito caro por aquilo que está a fazer o Hezbollah", acrescenta. "Temos de defender a nossa pátria. Nenhum país pode aceitar que a sua população esteja sob ataque permanente", diz, por seu lado, o tenente-coronel Oren. "Isto é uma guerra do bem contra o mal. Só não percebe quem não quiser. A 7 de outubro, o Hamas matou, torturou, violou, raptou", sublinha Yarden, em resposta a perguntas dos jornalistas sobre os manifestantes na Europa e nos Estados Unidos contra a guerra denunciarem os quase 40 mil palestinianos mortos

“Temos de defender a nossa fronteira. Não podemos viver no medo. O Hezbollah é a mais perigosa organização terrorista no Médio Oriente. Fazem túneis para nos atacar.”

Moshe Davidovich, Conselho Regional de Matte Asher

“Já estamos em guerra com o Hezbollah. Não é uma guerra em grande escala, mas é uma guerra. Ou seja, não aceito a ideia de que o que está a acontecer agora no Norte não seja uma guerra.”

Amichai Chikli, ministro para os Assuntos da Diáspora

“Teremos de parar com estes ataques. Depois da guerra de 2006, era suposto a comunidade internacional manter afastado o Hezbollah da fronteira. Não tenho dúvidas de que se opção for a guerra, teremos baixas, mas ganharemos.”

Tenente-coronel Yarden

na intervenção em Gaza mas faltarem palavras contra o terror causado pelo grupo palestiniano há oito meses. E acrescenta o militar: “Os nossos inimigos querem destruir-nos, mas não o conseguirão. Há hoje uma unidade em Israel que não havia há um ano, quando a sociedade estava dividida pela política. Isso vê-se pela unidade no IDF. Judeus laicos e ortodoxos juntos”. Em volta, vários soldados, tanto homens como mulheres, alguns bastante jovens, ouvem e fazem sinal de concordância com a cabeça.

Refugiados no seu próprio país

Um alerta de última hora impede por questões de segurança a visita programada ao *kibutz* Matzuva, um dos situados junto à fronteira libanesa e completamente abandonado pelos habitantes por causa dos *rockets*. Nesta zona, o IDF tem de aprovar as deslocações dos civis. Mas mantém-se o encontro com Moshe Davidovich, presidente do conselho regional de Matte Asher, que abrange as comunidades da linha da frente, evacuadas, como Matzuva, e várias outras em que a vida continua mas não é a normal, basta pensar que há escolas e creches fechadas por causa dos *rockets* do Hezbollah e houve necessidade de criar algumas escolas provisórias mais a sul, até com caravanas ou em edifícios desocupados cedidos por outros municípios mais distantes da zona sob ataque.

“A 7 de outubro o governo não soube como reagir. Mais de 1200 mortos no Sul, mais de 200 reféns levados pelos terroristas do Hamas para Gaza, e aqui no Norte os terroristas do Hezbollah a atacar também. Mas as pessoas organizaram-se e mostraram a resiliência da sociedade israelita. Uniram-se. Gente que pouco tempo antes ia a protestos de sentido oposto, pessoas que estavam umas contra as outras, uniram-se. Temos de defender a nossa fronteira. Não podemos viver no medo. O Hezbollah é a mais perigosa organização terrorista no Médio Oriente. Fazem túneis para nos atacar”, diz, num tom duro, Davidovich, numa sala de reuniões, onde se entra depois de se passar por uma parede enorme com as fotografias e os nomes dos reféns levados para Gaza. “Tragam-nos para casa. Agora!”, pode ler-se. E lá estão as fotografias, os nomes e as idades de cada um deles. Por exemplo, Ohad Yahalomi, de 49 anos, ainda refém. Ou Maya Regev, de 21 anos, já com o símbolo de uma borboleta a anunciar que foi libertada, assim como Chana Katzir, de 77 anos. Dos cerca de 230 israelitas e estrangeiros sequestrados a 7 de outubro, 105 foram libertados, sobretudo via negociações. Dos 130 ainda em Gaza, pelo menos 31 estarão mortos, alguns desde o primeiro dia, segundo as autoridades israelitas, que em privado terão informado as famílias.

E a questão dos refugiados internos também afeta o sul, pois muitos *kibutzin* atacados estão inabitáveis, como o de Nir Oz, situado a menos de dois quilómetros de Gaza, que viu mais de um quarto dos 400 habitantes ser morto ou sequestrado. As casas estão queimadas e equipamentos coletivos como o refeitório estão destruídos. Calcula-se que somando aos do Norte, sejam 100 mil os israelitas obrigados a viver longe de casa por causa da vaga de violência que começou no outono do ano passado e que é sentida em Israel de forma muito diferente de no exterior. Tendo em conta, garantem, que muitos dos mortos eram do chamado “campo da paz”, defensores de negociações com os palestinianos para, como sugerido nos Acordos de Oslo de 1993, se avançar para a solução de dois Estados, o futuro dos cinco milhões de palestinianos em Gaza e na Cisjordânia não é agora uma prioridade nem para o governo de Netanyahu nem para a oposição.

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

“Já estamos em guerra com o Hezbollah”

Para se entrar no edifício de pedra branca do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Jerusalém, o controlo de segurança é sempre apertado. Além da passagem obrigatória pelo detetor de metais, há que responder a perguntas e mostrar o passaporte para confirmação de identidade. O processo demora um pouco mas finalmente é possível a conversa marcada com Amichai Chikli, ministro para os Assuntos da Diáspora e para o Combate ao Anti-semitismo. Com pouco mais de 40 anos, filho de um rabino e tendo crescido num *kibutz*, Chikli tem fama de ser direto. E comprova-o, aceitando uma conversa aberta e em que pode ser citado à vontade, mesmo nos ataques pessoais ao primeiro-ministro espanhol Pedro Sánchez, que reconheceu um Estado palestiniano, e na denúncia do aumento do anti-semitismo na Europa. Se sobre a guerra em Gaza não tem dúvidas de que o Hamas tem de ficar inoperacional, pagar pelo que fez há oito meses no sul de Israel e não ter condições de o voltar a repetir, sobre o Norte tem também uma visão muito clara: “já estamos em guerra com o Hezbollah. Não é uma guerra em grande escala, mas é uma guerra. Ou seja, não aceito a ideia de que o que está a acontecer agora no Norte não seja uma guerra. É uma guerra. Temos pessoas que abandonaram as suas casas, há mísseis, temos vítimas, portanto é uma guerra. Quanto a uma guerra em grande escala contra o Estado libanês, ainda não chegámos lá. Bem, seguindo as vozes vindas do Líbano e da oposição que começa a haver ao Hezbollah, dos cristãos e de outros líderes políticos, espero que haja passos para evitar uma guerra em grande escala com o Hezbollah”. E acrescenta, num evidente tom irónico: “não pretendíamos também uma guerra com Gaza, em que abrimos as portas para milhares de pessoas virem trabalhar em Israel e pensámos que talvez eles quisessem melhorar a economia, quisessem finalmente, como muitos disseram que ia acontecer quando de lá saímos, transformar Gaza numa Singapura. Agora espero que no Líbano tenham poder suficiente para impedir o Hezbollah e o Irão de continuarem o processo de escalada. Mas, se não, podemos ver uma guerra em grande escala, e numa guerra em grande escala vamos ter problemas de Relações Públicas, claro, pois precisaremos atacar os locais onde o Hezbollah esconde a munição. Bem, eles estão há anos a esconder munição e não é nas montanhas. Estão a esconder munições nos aeroportos, nos portos marítimos, como vimos no passado, e nas casas de civis”. Chikli não deixou passar em claro uma notícia recente no jornal britânico *The Telegraph* sobre armazenamento de armas pelo Hezbollah em instalações do aeroporto de Beirute, o que o governo libanês se apressou a negar.

“Quiseram que Israel tivesse medo do terrorismo”

Enquanto a guerra em grande escala não acontece, os *rockets* do Hezbollah continuam a cair e ainda há três dias dois edifícios arderam em Metula, cidade fronteiriça de 2000 habitantes há vários meses evacuada totalmente. Netanyahu, que apesar de fortes críticas internas sobre a sua governação continua a querer dar a ideia de um líder forte em tempo de guerra, veio esta semana à fronteira com o Líbano e prometeu “vitória” tal como em Gaza se houver mesmo uma guerra em grande escala a Norte.

O contraste entre a tensão vivida no Norte de Israel ou em redor de Gaza, onde a guerra prossegue, e a aparente descontração em Telavive, cidade onde as praias estão cheias desde as sete da manhã até bem depois do pôr do sol, com gente a praticar desportos vários, é enorme. Mas apenas aparente. Apesar de distar 100 quilómetros de Gaza, a metrópole fundada por judeus vindos da Europa nos anos finais do controlo otomano sobre a Palestina, também é alvo esporádico de *rockets* disparados pelo Hamas. Em finais de maio, houve um dia em que foram disparados oito, todos intercetados pelo Iron Dome. O Hamas reivindicou o ataque nos seus canais nas redes sociais como “uma resposta aos massacres sionistas de civis”.

À conversa com jornalistas num hotel perto da marina de Telavive, Zohar Palti diz que “massacre é aquilo que o Hamas fez”. Para o antigo dirigente da Mossad, serviços secretos israelitas, “o ataque devastador de 7 de Outubro às nossas cidades foi para assassinar, para conseguir, na verdade, que Israel tenha medo do terrorismo. Nunca vimos nenhum conflito na nossa história tão cruel como vimos no 7 de outubro. Em todos os conflitos que alguma vez tivemos com os países árabes, com grupos terroristas, na Cisjordânia e em Gaza, na Segunda Intifada dos palestinianos, a palavra violação, por exemplo, nunca apareceu. Foram muitas coisas pela primeira vez. Matar crianças, torturar e todas as coisas que eles fizeram em 7 de Outubro, foi a primeira vez que vimos aqui, entre nós e eles. Vimos isso com o Daesh, na Síria e no Iraque, e noutros lugares do Médio Oriente, mas não aqui. A ideia de Yahya Sinwar, o chefe do Hamas em Gaza, era incendiar o Líbano, que o Hezbollah se juntaria, numa guerra 100%, em grande escala. Revolta também na Cisjordânia. E entre os árabes-israelitas. E, claro, ainda o Irão, os houthis e as milícias xiitas do Iraque. Ele teve êxito com os houthis, teve sucesso com as milícias xiitas, digamos em 30% ou 40% teve sucesso com o Hezbollah, no Líbano, mas

O tenente-coronel Ishay Efroni aponta para um mapa do norte de Israel que assinala onde houve impacto de projéteis disparados do lado libanês da fronteira, controlado pelo Hezbollah.

ainda não em grande escala. E falhou com a Cisjordânia, e sobretudo falhou com os árabes-israelitas, graças a Deus. Mas com o Irão, o 13 e 14 de abril, foi um marco. Quando o Irão decidiu atacar com centenas de mísseis superfície-superfície, mísseis de cruzeiro e UAVs, este foi um dos momentos decisivos nas batalhas no mundo. Ninguém prestou muita atenção depois da nossa defesa agir. Mas no futuro aprenderão esta batalha nas academias militares, em todo o Ocidente. E também, noutros lugares. Então, para concluir este raciocínio, os iranianos também, de certa forma, estão dentro, mas não totalmente, como Sinwar queria, e isto leva-nos à hipótese de uma guerra com o Líbano”.

Mais uma vez, o tom é franco, analítico, muitas vezes critico do governo (e Palti insiste que é preciso apurar o que falhou em termos de segurança a 7 de outubro), mas garante que há unidade entre os israelitas sobre a necessidade de defender o país daquilo que muitas chamam o eixo da resistência fomentado pelo Irão. A brecha mais significativa tem que ver com a necessidade de libertar os reféns, havendo quem defenda negociações urgentes com o Hamas para um cessar-fogo em Gaza, e além das manifestações em Telavive, esta semana houve um corte da autoestrada. Também sobre a abertura de um novo conflito no Líbano, há vozes que preferem dar prioridade à diplomacia. O antigo dirigente da unidade de contra-terrorismo da Mossad diz que compete ao movimento xiita libanês parar com os ataques: “em primeiro lugar, o Hezbollah começou a atacar a 7 de Outubro como uma simpatia pelo Hamas. Qual é a conexão entre o grupo xiita libanês e um ataque terrorista com assassinatos de civis feito por um grupo palestiniano sunita? O Hezbollah imediatamente se pôs ao lado dos terroristas. E começou a mexer connosco na fronteira norte. Por causa das prioridades, decidimos por enquanto lidar com isso sem atacar o Líbano, só responder a quem dispara na fronteira. Estamos prestes a terminar a grande campanha em Gaza e teremos de lidar com o Líbano no momento certo. E esta-

mos realmente muito zangados. Estamos com muita raiva. E se a comunidade internacional não parar esta escalada, o Líbano de certa forma irá ao fundo. E não é que o Líbano neste momento não seja já um Estado falido. Está devastado. Sem eletricidade, sem economia. O FMI está sempre a tentar ajudar, a UE também. Todos estão preocupados, pois se o Hezbollah arrastasse o Líbano neste momento para um conflito, isso seria devastador. Mas nós temos que trazer o nosso próprio povo de volta ao norte". E volta à carga: "Temos lá 80 mil civis que não viveram nas suas casas nos últimos oito meses. Se será devastadora uma guerra no Líbano? Sim. Se ainda temos tempo para pará-lo? A resposta também é sim. Ninguém quer mais uma guerra em Israel. Não é que estejamos apressados, já são quase nove meses assim. Mas se não parar, teremos que fazê-lo. Simples. Onde é que está o problema?".

Parede no edifício do Conselho Regional de Matte Asher com as fotografias e os nomes dos reféns levados para Gaza a 7 de outubro de 2023. "Tragam-nos para casa. Agora!", pode ler-se.

O Irão, sempre o dedo apontado ao Irão

O restaurante de Abu Gosh, uma aldeia árabe israelita perto de Jerusalém, tem fama há décadas pela boa comida, mas tornou-se ainda mais célebre quando entrou no Guinness pelo recorde do maior hummus, quatro toneladas preparadas por 50 cozinheiros. E é com vista para a mesquita da aldeia, uma das maiores de Israel, que decorre o almoço e a conversa com Ehud Yaari, analista político do Canal 12, especialista em geopolítica do Médio Oriente, um jornalista veterano que tem no seu currículo entrevistas com líderes árabes como o palestiniano Yasser Arafat, o líbio Muammar Khadafi, o egípcio Hosni Mubarak ou os reis jordanos Hussein e Abdallah e com todos os primeiros-ministros israelitas do último meio século.

Também Yaari apoia a tese de que na origem da atual crise está o Irão, que promoveu a criação do tal eixo da resistência, ou da *Mukawama*, juntando os seus *proxies* árabes, nem todos xiitas. Mas a iniciativa do 7 de outubro foi do líder do Hamas, convicto de que além de Gaza outras frentes se abririam, a mais importante delas o ataque a Israel vindo do Hezbollah, no Líbano. "A segunda frente, o Líbano, não se desenrolou da forma prevista ou esperada, porque Nasrallah, o líder do Hezbollah, depois de muita hesitação, decidiu optar por uma troca restrita de golpes ao longo de uma estreita faixa da fronteira israelo-libanesa. Eu próprio nasci na aldeia mais a norte de Israel, uma espécie de aldeia alpina, que está agora meio destruída e, claro, evacuada. Mas Nasrallah decidiu que não vai dar tudo de si neste momento, e certamente não por causa de Gaza. E agora o chefe do Hezbollah está preocupado com a possibilidade de os israelitas retirarem forças de Gaza para reforçar as que temos no norte, e a força aérea ser dispensada da maior parte de suas tarefas em Gaza, e teme que haja uma grande vaga de ataques no Líbano. Então ouvimos, nos últimos dias, todo o tipo de ameaças. O Irão intervirá, dizem. Irá ser interrompido o transporte marítimo para os portos israelitas no Mediterrâneo. Milhares de combatentes das milícias xiitas iraquianas, patrocinadas pelo Irão, cruzarão a fronteira da Síria e virão por aí fora, etc., etc., etc. Só a Síria, sublinho eu, não fará de certeza nada, pois Putin, sabe-se, disse aos iranianos que investiu demasiado, em bases, num porto, para pôr tudo a perder agora que Assad parece ter ganhado a guerra". Para sintetizar, Yaari, que nasceu em Metula, três anos antes da criação do moderno Estado de Israel, e brinca dizendo que já viu quase tudo na vida, conclui que "no fundo, nem Nasrallah, nem os iranianos querem uma grande guerra. Podemos discutir o porquê. Mas não querem."

"Temos lá 80 mil civis que não viveram nas suas casas nos últimos oito meses. Se será devastadora uma guerra no Líbano? Sim. Se ainda temos tempo para pará-lo? A resposta também é sim. Ninguém quer mais uma guerra em Israel."

Zohar Palti,
ex-dirigente da Mossad

"Nasrallah decidiu que não vai dar tudo de si neste momento, e certamente não por causa de Gaza. E agora o chefe do Hezbollah está preocupado com a possibilidade de os israelitas retirarem forças de Gaza para reforçar as que temos no norte."

Ehud Yaari
analista político do Canal 12

A sociedade civil israelita em armas

No piso subterrâneo do edifício que alberga o conselho regional de Matte Asher uma das salas está equipada com ecrãs que mostram em tempo real aquilo que as câmaras captam nas comunidades fronteiriças e o tenente-coronel Ishay Efroni aponta para um mapa que assinala onde houve impacto de projéteis disparados do outro lado da fronteira, dominado pelo Hezbollah, um movimento xiita que foi a única milícia que se manteve armada depois do fim da guerra civil libanesa de 1977-1990, na qual Israel interveio, mantendo o sul do Líbano ocupado até à retirada em 2000. "Os ataques têm de acabar. O Hezbollah ataca militares e civis sem fazer distinção. Se não fosse o Iron Dome vivíamos debaixo de terra. Por isso, se não houver um acordo rapidamente para isto parar o melhor é Israel atacar. Há dezenas de milhares de pessoas impedidas de viver nas suas casas. Estão em hotéis ou alugaram apartamentos longe da fronteira. E não é só não terem onde morar. Também deixaram de poder trabalhar. Há fábricas que fecharam e os campos estão por cuidar. Temos aqui a maior plantação de abacate de Israel. Também aviários. Mas nada funciona. Quem desobedece ao exército e vem nem que seja só para buscar alguma coisa a casa, corre risco de vida, pois o Hezbollah faz mira a tudo", explica o responsável pelo departamento de segurança regional, que atua em cooperação com o IDF. Combateu na guerra do Líbano, o tal conflito de 2006 entre o Hezbollah e Israel que terminou com um acordo que previa a retirada do Hezbollah para lá do rio Litani, que no seu trecho final corre paralelo à fronteira israelo-libanesa, mas uns 30 quilómetros a norte. "O Hezbollah tem feito ameaças e mostrou imagens do porto de Haifa tiradas por um drone para nos assustar. Mas se um míssil atingir Haifa ou o aeroporto Ben Gurion também Beirute não ficará de pé. O Líbano tem muito mais a perder do que nós com uma nova guerra", alerta Efroni, de *T-shirt* verde, barba grisalha, sempre sem largar a metralhadora. "Espero que o meu governo comece a lidar com o governo do Líbano e não com o Hezbollah", acrescenta, numa referência ao país vizinho, onde coexistem cristãos, drusos e muçulmanos, estes últimos divididos em xiitas e sunitas, com um sistema político que reserva lugares segundo a religião e em que o Hezbollah é um partido político além de movimento armado, considerado terrorista pela UE e pelos Estados Unidos.

Olho para o Google Maps para perceber onde estou, agora que nos começamos a afastar da fronteira norte. Mas não aparece nem Matte Asher, nem Mitzpe Hila, que era onde vivia a família de Gilat Shalit, soldado israelita sequestrado em 2006 e que esteve cinco anos cativo em Gaza, até ser libertado num acordo que fez sair da prisão em Israel mais de mil palestinianos, entre eles Sinwar. O que aparece no ecrã do telemóvel é que estamos em Beirute. Vários jornalistas confirmam que também está a dar que estão na capital libanesa. É, explicam, Israel a fazer o GPS baralhar-se para complicar a vida aos drones do Hezbollah, mas não deixa de ser irónico quando se fala de um ataque ao Líbano.

O DN viajou a convite da Europe Israel Press Association

por Helena Tecedeiro

Bruno Fernandes celebrou com Cristiano Ronaldo o terceiro golo de Portugal contra a Turquia.

INA FASSBENDER / AFP

Assange chegou à Austrália como um homem livre e promete aproveitar a natureza.

DAVID GRAY / AFP

Apoiantes de Trump em Miami, na Florida, assistem ao debate entre o ex-presidente e o atual, Joe Biden.

Sáb.

Portugal nos oitavos do Euro 2024 e nem foi preciso calculadora

Dizem os especialistas que a exibição nem foi deslumbrante, mas quem precisa de deslumbre quando no final o marcador mostrava uns claros 3-0 para Portugal face à Turquia, neste que foi o segundo jogo da seleção nacional neste Euro 2024. Numa tarde de sol em Dortmund, Bernardo Silva, Bruno Fernandes e um autogolo selaram o resultado e a passagem de Portugal aos oitavos de final, em primeiro lugar do grupo. Um resultado que levou Roberto Martínez a poupar muitos dos titulares no jogo de quarta-feira frente à Geórgia, acabando a seleção por sofrer dois golos a zero, mostrando que esta equipa B não convence, mesmo se o resultado não alterou nada. Habituados a fazer contas até ao último minuto – daquelas em que só passamos se ganharmos 5-2 e temos de esperar para saber o resultado do outro jogo em que uma das equipas tem de perder por três golos, certo? –, os adeptos portugueses desta vez puderam descansar. Agora venham os oitavos e a Eslovénia. E, como dizia Scolari já lá vão duas décadas, a fase do "mata-mata", em que "meio golo" chega.

Dom.

Rock in Rio diz até já ao Parque Tejo. Festival volta em 2026

Na sua estreia em Portugal, a *rapper* americana Doja Cat foi a responsável por encerrar o Palco Mundo no último dia do Rock in Rio. O festival assinalou 20 anos – e 10 edições – em Portugal com mais de 300 mil pessoas a passarem pelo Parque Tejo, para onde o evento se mudou este ano, vindo do Parque da Bela Vista. Nos quatro dias, multiplicaram-se os concertos – com os cabeças de cartaz a não desiludirem os fãs. Scorpions, Ed Sheeran, Jonas Brothers e Doja Cat foram os nomes grandes deste festival, onde muitos outros também puseram o público a cantar – da "veterana" Ivete Sangalo aos James, passando por Evanescence, Xutos, Jão ou Camila Cabello. Claro que não faltaram queixas, desde as inevitáveis e intermináveis filas para as casas de banho até às dificuldades nos transportes até ao recinto ou à falta de sombras no local. Para 2026 uma certeza: o Rock in Rio voltará a ter lugar no mesmo local – o Parque Tejo parece ter vindo para ficar, goste-se mais ou menos.

2.ª

A França vista pela extrema-direita de Jordan Bardella

Conter a imigração e resolver questões ligadas ao custo de vida, mas também um "*big bang* de autoridade" nas escolas, com o uso de uniformes ou a proibição dos telemóveis nos estabelecimentos de ensino, a seis dias da primeira volta das legislativas antecipadas em França, Jordan Bardella apresentou as principais linhas do Rassemblement National (RN). Grande vencedor das europeias de 9 de junho, cujo resultado levou o presidente Macron a dissolver a Assembleia Nacional, o líder da extrema-direita francesa é agora candidato a primeiro-ministro e lidera todas as sondagens. Aos 28 anos, este filho de imigrantes, criado num bairro social em Seine--Saint-Denis, nesses arredores muitas vezes violentos de Paris, é a personificação da normalização que Marine Le Pen conseguiu para o partido que o pai criou. "Sete anos de 'macronismo' enfraqueceram o país", disse Bardella num discurso que espera valer-lhe a chefia do governo, onde já prometeu bloquear qualquer envio de tropas francesas para a Ucrânia – uma promessa de Macron. Para já, a extrema-direita parece ter Matignon ao alcance, em 2027 será o Eliseu?

3.ª

Um acordo para Costa e a confirmação em Bruxelas

A notícia surgiu ao início da tarde: em Bruxelas, as três principais famílias políticas europeias alcançaram um acordo preliminar que confirmava o nome de António Costa para a presidência do Conselho Europeu, tal como Ursula von der Leyen na Comissão e a primeira-ministra estónia, Kaja Kallas, como chefe da diplomacia europeia, além de prever a reeleição da maltesa Roberta Metsola como presidente do Conselho Europeu. Apesar das críticas do primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán, e da "irritação" da chefe do governo italiano, Giorgia Meloni, que já antes expressara publicamente a sua ambição por um lugar de destaque na estrutura institucional da UE, a confirmação dos nomes para os cargos europeus chegaria na quinta-feira à noite, depois de meia hora de debate sobre o assunto no Conselho Europeu, em Bruxelas. Meloni absteve-se quanto a Von der Leyen e votou contra Costa e Kallas, mas não travou os novos líderes das instituições europeias. Em outubro, Costa sucede a Charles Michel no cargo – tendo assento à mesa do G20 e do G7, entre outros –, com Portugal a juntar a presidência do Conselho Europeu ao secretário-geral da ONU, António Guterres.

DAVID GRAY / AFP

António Costa, Ursula von der Leyen e Kaja Kallas no primeiro encontro após terem sido confirmados para os principais cargos europeus.

OLIVIER HOSLET / POOL / AFP

Nos quatro dias de Rock in Rio passaram pelo Parque Tejo 300 mil pessoas. O festival volta ao mesmo local em 2026.

ÁLVARO ISIDORO / GLOBAL IMAGENS

Iranianos foram a votos para escolher novo presidente.

ATTA KENARE / AFP

LUDOVIC MARIN / AFP

Jordan Bardella apresentou o programa de governo do Rassemblement National, que lidera as sondagens em França.

4.ª

Assange livre e de punho erguido após longa batalha judicial

De volta à sua Austrália natal após formalizar, nas ilhas Marianas do Norte, um território dos EUA no Pacífico, um acordo com a justiça americana que lhe garantiu a liberdade, Julian Assange saiu do avião de punho erguido, antes de abraçar a mulher, Stella, e o pai, John Shipton, diante das dezenas de jornalistas que o esperavam no aeroporto. O fundador da WikiLeaks viu assim chegar ao fim uma batalha judicial que durou 14 anos ao declarar-se culpado de uma única acusação de conspiração para obter e divulgar informações de defesa nacional, sendo condenado aos cinco anos e dois meses que já cumprira na prisão de alta segurança de Belmarsh, no Reino Unido, de onde voou para as Marianas do Norte e depois para a Austrália. Herói para os defensores da liberdade de expressão, vilão para os que pensam que pôs em perigo a segurança dos EUA ao divulgar centenas de milhares de documentos secretos, Assange está agora livre, mas continuará divisivo.

5.ª

Biden incoerente no debate deixa democratas em pânico

"Não faço ideia do que ele disse no fim daquela frase. E acho que ele também não" pode bem ser a frase que melhor resume o primeiro debate da campanha entre Joe Biden e Donald Trump. Foi dita pelo candidato republicano depois de o rival democrata, o presidente Joe Biden, ter balbuciado algo ininteligível quando questionado sobre a sua capacidade para resolver a questão migratória e a crise na fronteira com o México. Num frente a frente sem audiência e com o microfone desligado, para não permitir interrupções, o atual e o anterior inquilino da Casa Branca defrontaram-se na CNN, mas quem esperava que Biden acabasse com as preocupações em relação à sua idade – 81 anos, terá 82 na hora da posse, se vencer – ficou com ainda mais motivos de alarme. Com as sondagens a darem uma curtíssima vantagem ao republicano antes do debate, o desempenho de Biden parece ter mergulhado o seu Partido Democrata no pânico antes das eleições de 5 de novembro. Irá Biden retirar-se da corrida? Avança a vice, Kamala Harris? Alguém arrisca desafiá-lo na convenção de Chicago? Aerá sequer possível? O mundo fica em suspenso à espera.

6.ª

Irão elege presidente entre um reformista e três conservadores

Pouco mais de um mês depois da morte do presidente, Ibrahim Raisi, num acidente de helicóptero junto à fronteira com o Azerbaijão, os iranianos foram chamados às urnas para escolher o seu sucessor. Com a Constituição a estabelecer que o escrutínio tem de decorrer até 50 dias após o falecimento do presidente, a perceção desta vez é que não há um vencedor antecipado. 80 pessoas registaram-se como candidatas, com o Conselho dos Guardiães a aprovar seis nomes, entre eles o reformista Massoud Pezoshkian. Segundo as sondagens, este pode ser primeiro ou segundo na primeira volta – dois candidatos desistiram à última hora. Com a economia em crise e o país numa espécie de torpor após os protestos devido à morte de uma jovem de 22 anos detida pela polícia dos costumes por não usar o véu de forma "correta", o Guia Supremo, *ayatollah* Ali Khamenei, apelou ao voto, apostando numa vitória de um dos homens da linha dura, sendo o favorito o antigo negociador nuclear Saeed Jalili.

Pedro Nuno Santos desafiou Montenegro para um pacto na justiça. Marcelo Rebelo de Sousa pede "ideias concretas" e recorda os falhanços desde 2016.

Justiça. Calendários políticos e "prioridades" ameaçam manter "chocantes desigualdades"

BELÉM O Pacto para a Justiça de 2006 "correu mal", o de 2016 não foi aplicado pelos "parceiros políticos" e a vontade de mudança em 2024 pode ser apenas uma criação de "expectativas".

TEXTO **ARTUR CASSIANO**

O Presidente da República espera "ideias muito concretas" e "diálogo entre partidos", até alerta para que "não seja a vingança de nada determinado por factos específicos" a mover qualquer proposta de reforma judicial, nomeadamente no Ministério Público, mas recusa meter-se de permeio numa discussão, que parece interessar a Aguiar-Branco mas que poderá ter tudo para ser infrutífera.

A incerteza de não se saber se há ou não possibilidades de acordo entre PS e PSD resulta de várias circunstâncias políticas e de calendário.

A primeira pelo facto de o tema só ter sido transformado "em prioridade de política" na quarta feira, dia do debate quinzenal com o primeiro-ministro; a segunda por ninguém saber – e talvez nem os próprios, constata – que "prioridades coexistem" entre os dois maiores partidos; a terceira porque daqui a semanas os deputados vão para férias; a quarta por razões de "calendário político" do PS, que tem já em julho eleições internas nas secções e concelhias e no final de setembro eleições dos presidentes das federações e dos delegados aos congressos das federações; a quinta porque após as férias parlamentares PS e PSD terão que "obrigatoriamente negociar" o que for possível no Orçamento do Estado para 2025 – que deverá ir a votos em outubro –, evitando uma nova crise política e eleições antecipadas; a sexta por também nesse altura ocorrer a substituição de Lucília Gago à frente da Procuradoria-geral da República – mandato termina a 12 de outubro, e a sétima pelo facto de as máquinas partidárias entrarem de novo em modo de "campanha eleitoral" para as mais importantes eleições autárquicas dos últimos 12 anos.

E apesar de o Presidente pedir que tudo, num eventual pacto, "tem de ser determinado por questões que, verdadeiramente, têm de ser corrigidas ou que não estão a funcionar bem", existe a constatação de que a criação política de "excessivas expectativas", nomeadamente por parte de dirigentes socialistas e sociais-democratas, resulte no mesmo que em 2016 – um pouco ou quase nada, que será "aproveitado" por quem quer mudar de forma radical a justiça. Tradução: o Chega.

Pedro Nuno Santos, que desafiou Montenegro para um trabalho conjunto – identificando a violação do segredo de justiça e a divulgação de escutas como problemas –, assume a necessidade de mudanças legislativas e garantiu até que o PS vai fazer o "trabalho de forma autónoma" para apresentar propostas.

O primeiro-ministro não recusou o desafio, garantindo que o governo está disponível para "aprofundar as regras do direito penal e do direito processual penal", respeitando "a separação dos poderes, os princípios da Constituição, os princípios do Estado de direito e da democracia". O que falta? Que alguém – e a ser seria o governo – dê o primeiro passo.

Oito anos sem "prioridade"

Em 2016, no primeiro governo de Costa, Marcelo tomou a dianteira e defendeu, na cerimónia de abertura do ano judicial, um pacto para a justiça, "uma prioridade nacional" que deveria ser "delineada por fases ou por áreas". "Importa", disse Marcelo nesse dia 1 de setembro, "assegurar à justiça a prioridade duradoura que lhe tem faltado".

Na altura, o incómodo e as cautelas foram quase transversais. Houve até quem recordasse o pacto de 2006, entre PSD e PS, que "correu mal", e quem colasse as reformas urgentes ao Orçamento do Estado.

"Lento, caro e classista", dizia Marcelo de um sistema judicial que trata de forma diferente o que "não pode ser diferente": "os meios de defesa não são iguais" – a referência às posses financeiras de quem recorre à justiça.

Francisca Van Dunem, a então ministra da Justiça, relativizou as preocupações do Presidente ao dizer que a "arquitetura institucional do sistema se mostra estabilizada", pelo que "não é tempo para sobressaltos". E não os houve.

Cinco anos mais tarde, em 2021, a confissão de uma desilusão. O pacto "conseguiu ter o apoio de todos os parceiros judiciais, o que é muito difícil, mas depois os parceiros políticos [a 'geringonça' e o PSD] não aplicaram muito esse pacto naquilo que era mais fácil de aplicar", lamentou o Presidente. "Houve melhoria do estatuto das magistraturas", mas "não houve a melhoria do estatuto de outros protagonistas da justiça, funcionários judiciais, solicitadores, advogados com situação mais precária". O que, por exemplo, não mudou? "A lentidão continua a ser um problema."

No ano passado, e novamente na abertura do ano judicial, o Presidente insistiu na necessidade de repensar orgânicas, procedimentos e recursos do sistema de justiça, que exigem "consensos vastos de regime" – que travem as "chocantes desigualdades". E deixou uma premonição: seria "lastimável que por essa via, a dos protagonistas da justiça, ou outra, a da conjugação dos parceiros políticos, económicos e sociais, se chegasse a 2026 com o apelo de uma gestão sobretudo quotidiana, pontual, casuística de um sistema cada vez mais afastado da realidade social".

Opinião
Augusto Santos Silva

Antes que seja demasiado tarde

Há duas maneiras de abordar a reforma da justiça. Uma é partir das representações e interesses dos operadores; outra, focar o elo que necessariamente mantém com a democracia e os direitos humanos. Esta é a maneira mais útil, que é nesse elo que os problemas são graves. Sobretudo nas áreas administrativa, fiscal e penal, em que mais intensamente se colocam o equilíbrio entre os diferentes poderes do Estado e a relação entre este e cada pessoa. Após décadas de acumulação de factos anómalos, chegámos a um ponto em que pode estar em causa o Estado democrático de direito.

Os factos que invocarei, da forma mais objetiva possível, não descrevem o dia a dia da justiça, administrada por gente séria e competente. Mas são de tal monta e tocam tão criticamente direitos e liberdades fundamentais que contaminam o todo – e, se não agirmos, acabarão por destruir a confiança pública na justiça.

Falo dos seguintes factos. O elevado custo do acesso, que nega a igualdade perante a lei. A morosidade, fazendo com que, por exemplo, haja particulares esperando 15 ou 20 anos pela resolução de litígios administrativos ou fiscais. O abuso das figuras da detenção e da prisão preventiva: trate-se de um autarca ou do líder de uma claque de futebol, não é aceitável que o detido seja presente a juiz no limite do prazo constitucional e apenas para identificação sumária ou esteja preso preventivamente meses a fio, quando não anos, sem sequer ser acusado. O abuso das escutas e buscas, que uma reiterada prática de magistrados judiciais e do Ministério Público (MP) tem banalizado: e, sim, ter uma pessoa quatro anos seguidos sob escuta ou devassar a sede de um partido é mais da ordem da vigilância política que da justiça. A leitura enviesada da lei, como a alegação de que os prazos a cumprir são meros "ordenadores", ou que o princípio do juiz natural pode ser contornado em certos casos. A impunidade de ilicitudes flagrantes, como a violação do segredo de justiça ou da proibição da publicação de comunicações pessoais intercetadas sem consentimento dos visados. O formalismo jurídico, que cultiva uma linguagem cifrada e leva a mil e um procedimentos circulares e a inúmeros conflitos entre os magistrados intervenientes, o que não raro é a razão principal dos atrasos e riscos de prescrição. O arrastamento dos processos penais, deixando consolidar, na opinião pública e no círculo privado e profissional dos atingidos, a convicção de culpabilidade e a decorrente condenação pública extrajudicial – e, ademais, criando uma pressão inadmissível da *vox populi* sobre os tribunais.

Porque é que isto acontece? Não é só pela falta de meios: eles têm aumentado sem que tenha melhorado a eficiência; no que toca a magistrados e investigadores, Portugal compara bem com os países pertinentes, e, sendo escassos, os recursos não podem ser delapidados em operações para televisão ver, antes criteriosamente aplicados. Muito menos é por "pressão política" sobre a justiça: a verdade é que, neste momento, a pressão funciona ao contrário; além do mais, a independência dos tribunais é total e o MP até transformou a autonomia em independência de facto, estendendo-a a cada procurador ou equipa de procuradores. Então porque é?

A meu ver, por cinco razões cumulativas.

Primeiro, erros clamorosos do poder político. Seja do legislador, com falta de clareza e coerência de leis-chave, seja do Executivo, com decisões que se revelaram desastrosas (entre as quais a escolha da atual procuradora-geral da República, proposta por um governo de que fiz parte, assumindo, portanto, a respetiva quota de responsabilidade).

Segundo, falhas de organização. Especialmente evidentes no caso do MP, cuja natureza hierárquica foi sabotada e que funciona como um reino feudal, em que a rainha até abdicou dos poucos poderes que lhe sobravam. Organização não quer dizer, porém, apenas autoridade, mas também coordenação e avaliação. Claro que nenhum magistrado pode ser criticado porque o inquérito que dirigiu deu em nada, ou o tribunal absolveu quem ele acusou, ou a Relação ou o Supremo reverteram a condenação que proferiu. Mas, como qualquer outra organização que se preze, o MP há muito deveria ter tomado as medidas que entendesse necessárias para reduzir a elevada taxa geral de insucesso que apresenta (como, no que toca aos tribunais, os respetivos Conselhos Superiores já procuraram fazer).

Terceiro, a recusa feroz de prestar contas. Como se em democracia houvesse algum poder que estivesse imune ao escrutínio público, não tivesse de dar explicações, pudesse viver virado para si próprio e encarar qualquer crítica como um "ataque". O corporativismo, tão instalado no nosso mundo judicial, é aqui o principal responsável.

Estamos como no Estado Novo? Não; basta a publicação deste artigo num jornal não censurado para prová-lo. Mas a democracia não cai hoje, na Europa, por golpe exógeno; é corroída por dentro e também o é pela indiferença ou inação perante os abusos de poder e as ameaças à liberdade.

Com uma perversão adicional, que é serem as forças sindicais a falar em nome das instituições, como se as dirigissem.

Quarto, o preconceito antipolítico e antieconómico. Produto, como todo o preconceito, de um misto de desconhecimento, ignorância e pretensa superioridade moral. Quando olhamos para vários processos-crime abertos pelo MP contra dirigentes políticos ou empresariais já concluídos, que não resultaram em nenhuma condenação penal, mas arruinaram carreiras e reputações, quando não vidas, o padrão é sempre o mesmo: a suspeita face ao "poderoso", porque todo o "poderoso" é potencialmente corrupto; e a confusão, não sei se intencional se apenas incompetente (qual delas a pior…), entre a apreciação política, a regularidade administrativa e a relevância criminal.

Finalmente, a húbris. Se pode abrir-se um processo a partir de qualquer denúncia anónima ou simples "notícia" de jornal; se não há prazos imperativos; se as escutas irrelevantes para um processo podem ser mantidas e de tal maneira guardadas que acabam publicadas mais cedo do que tarde na imprensa "amiga"; se os *media* acolhem e divulgam acefalamente transcrições e "resumos" devidamente truncados e descontextualizados; se até o Presidente pode ser escutado ("fortuitamente") sem autorização prévia do Supremo; se basta um comunicado para derrubar governos; se o ambiente populista é tão favorável ao magistrado vingador, e se é fácil ocorrer uma consonância quase perfeita entre o calendário político, o interesse mediático e o curso das diligências – então, a húbris, essa vertigem desmedida do poder, é imparável.

Estamos como no Estado Novo? Não; basta a publicação deste artigo num jornal não censurado para prová-lo. Mas a democracia não cai hoje, na Europa, por golpe exógeno; é corroída por dentro e também o é pela indiferença ou inação perante os abusos de poder e as ameaças à liberdade. Se não fizermos nada agora – se não fizermos todos, cada um no seu plano e com a máxima concertação possível de ideias e interesses –, o Estado de direito pode vir a correr perigo.

Professor da Faculdade de Economia do Porto, membro da Comissão Política do Partido Socialista, copromotor do Manifesto dos 50. *As opiniões expressas só responsabilizam o autor.*

Advogado pode ser alvo de queixa se tiver mentido

SILÊNCIO Wilson Bicalho, o advogado da mãe das gémeas tratadas com Zolgensma, invocou um parecer da Ordem para não ser ouvido.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

A audição parlamentar do advogado de Daniela Martins, a mãe das duas crianças tratadas com Zolgensma em 2020, em que alegadamente houve favorecimento, foi ontem suspensa passada uma hora e meia depois de ter começado. Wilson Bicalho afirmou que não pode quebrar o sigilo profissional e que tem um parecer, que pediu, nesse sentido da Ordem dos Advogados.

O presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o caso e deputado do Chega Rui Paulo Sousa admitiu que os partidos podem avançar com uma queixa caso o parecer não seja apresentado. "Se ele realmente não apresentar o tal parecer, poderemos eventualmente avançar com uma queixa junto da Ordem dos Advogados, junto do Ministério Público, do seu comportamento aqui nesta audição, atendendo que ele é obrigado a dizer a verdade", considerou.

"Se não apresentar o parecer, começou logo por mentir com o próprio parecer, que diz que existe e que não existe", continuou o deputado, confirmando mais tarde que na reunião de mesa e coordenadores, que aconteceu de seguida, foi decidido dar um prazo de 48 horas ao advogado para apresentar o referido documento.

Rui Paulo Sousa confirmou também que não ficou decidido se o depoimento de Wilson Bicalho seria ou não incluído nas atas da CPI.

JOSÉ SENA GOULÃO / LUSA

Wilson Bicalho alegou sigilo profissional na audição parlamentar.

Na sua intervenção inicial, o advogado de Daniela Martins aproveitou o momento para "fazer a defesa" da sua cliente e afirmou que a mãe das crianças foi vítima de uma "mentira calculada" e de um "assassinato mediático" por parte de um determinado deputado, referindo-se ao líder do Chega, André Ventura. "É triste dizer isso, mas a minha cliente foi confrontada com uma mentira calculada, contada sem demonstrar compaixão humana", para alimentar "jogos de bastidores", sustentou ainda o causídico.

Wilson Bicalho também lançou farpas à comunicação social, evocando jornalistas "maquiavélicas, sensacionalistas", referindo ainda "desinformação e mensagens de ódio". De acordo com o advogado, a "família vem sendo confrontada desde outubro do ano passado com a imagem e a cara das crianças na televisão, na comunicação social", de uma "maneira tão baixa, cruel e insensível".

E ainda argumentou que a justiça não concluiu que terá havido sequer algum "crime praticado" por Daniela Martins e que "não haverá quaisquer motivos para a ouvir, quiçá constituí-la arguida". **Com LUSA**

Geringonça atacada durante o debate da saúde

PROMESSA Ministra vai levar "o melhor" do Governo para negociações com sindicatos. Direita acusa PS, BE e PCP por haver "mais de um milhão de pessoas sem médicos de família".

O deputado do PSD e ex-bastonário da Ordem dos Médicos, Miguel Guimarães, criticou ontem, durante o debate com o Governo na Assembleia da República, o legado do último governo socialista, com o apoio de BE e PCP, que, disse, se traduz em "mais de um milhão de pessoas sem médicos de família" e "70 mil doentes com necessidade de cuidados paliativos e sem acesso".

Também o líder parlamentar do Chega, Pedro Pinto, considerou que "o estado a que chegou o SNS [Serviço Nacional de Saúde] é culpa do PS, PCP e BE" e que deviam "pedir desculpa aos portugueses".

Por parte do CDS, o deputado João Almeida perguntou à bancada bloquista se não considerava necessário um "plano de emergência para a hipocrisia do BE" por ter apoiado o Governo socialista durante o período em que foram tomadas "decisões trágicas".

Por seu turno, a líder bloquista, Mariana Mortágua devolveu o ataque, mas ao PS. "Há meses o PS tinha maioria absoluta e onde estava o Governo na altura de valorizar carreiras?"

A ministra da Saúde, Ana Paula Santos, comprometeu-se a levar, na próxima semana para a mesa de negociações com os sindicatos, "o melhor" que o Governo tem "para oferecer aos profissionais" para dignificar e valorizar as carreiras. "Queremos muito negociar", afirmou a governante. **Com LUSA**

Opinião
Viriato Soromenho-Marques

O que pensa a Rússia

Estamos cada vez mais próximos de uma guerra frontal entre a NATO e a Rússia. E que fazem os nossos governos? Exercícios de pensamento mágico e de reescrita da história! Em vez de falarem com a Rússia para evitar a hecatombe, encenam uma sinistra "celebração" do Dia D, transformando a Rússia, que foi o país-chave na derrota do nazismo, num ausente saco de boxe. Depois simulam uma "Cimeira da Paz" em que a intervenção decisiva foi a presidente polaco, Andrzej Duda, ao revelar o verdadeiro objetivo do conclave: "descolonizar" a Rússia, parti-la em pequenos Estados independentes, como ocorreu na URSS…

Há 10 anos antecipei no DN o que está a acontecer: "Em 1985 publiquei um livro sobre o risco de guerra nuclear limitada na Europa (*Europa: o Risco do Futuro*). […] Todos os especialistas que consultei me confessavam, em privado, ser inevitável, mais tarde ou mais cedo, uma guerra central com armas nucleares [...] Duas semanas depois da saída do livro, Gorbachev assumiu o comando da URSS. Então, aconteceu um milagre: Gorbachev preferiu salvar a paz, mesmo arriscando sacrificar o império soviético. Não só a Alemanha se reunificou como a Rússia deixou, pacificamente, partir os seus aliados e fragmentar a sua federação. Gorbachev esteve em Berlim para comemorar os 25 anos da queda do Muro [em 2014]. Mas ninguém o escutou quando este acusou o Ocidente de ter traído a Rússia, cercando-a com a NATO. A UE, ao patrocinar a insurreição de rua contra o governo legítimo de Ianukovich [Kiev, fev. 2014], violou uma regra básica das relações internacionais: não se humilha um potencial inimigo se não o queremos enfrentar. As vozes ensandecidas no Ocidente que querem combater Moscovo até ao último soldado ucraniano não percebem que é a atual fragilidade da Rússia que faz aumentar a probabilidade de uma escalada bélica poder conduzir, no limite, a uma guerra nuclear na Europa. Na verdade, a mesma liderança medíocre que vai arruinar a zona euro talvez acabe por deixar mergulhar a Europa num mar de ferro e fogo. O milagre soviético não terá uma segunda edição russa." ("A Rússia não faz milagres", DN, 21-2-2015).

Um ataque em força da NATO sofre, por isso, de um paradoxo insuperável. Quanto mais próxima a NATO estiver da vitória, mais certa será a destruição mútua assegurada num inferno nuclear.

Os EUA viram na "santidade política" de Gorbachev um sinal de fraqueza e declararam-se vencedores da Guerra Fria. Depois de décadas de humilhação diplomática, Moscovo seguiu Clausewitz. A invasão de 2022 visa "continuar a política por outros meios". Para os russos, a destruição do Estado é absolutamente inaceitável. Um ataque em força da NATO sofre, por isso, de um paradoxo insuperável. Quanto mais próxima a NATO estiver da vitória, mais certa será a destruição mútua assegurada num inferno nuclear. O tempo escasseia para evitar este pesadelo.

Professor universitário.

António Costa promete ser o "presidente de todos "

CONSELHO EUROPEU Ex-primeiro-ministro lembrou a máxima de Soares para dizer que tem de ser "o presidente de todos aqueles que se sentam no Conselho Europeu", incluindo a primeira-ministra italiana. Giorgia Meloni. "É normal que haja divergências", admitiu.

TEXTO **JOÃO FRANCISCO GUERREIRO,** EM BRUXELAS

Naquela que foi a sua primeira deslocação à capital belga após a eleição para a presidência do Conselho Europeu, António Costa reuniu-se ontem com a atual presidente da Comissão Europeia, agora reconduzida no cargo, Ursula von der Leyen, e com a primeira-ministra da Estónia, Kaja Kallas, nomeada para o cargo de Alta Representante da União Europeia para a Política Externa e de Defesa.

O encontro durou 19 minutos. Os três trocaram cumprimentos, "muito sorridentes", e com "abraços e felicitações", seguindo depois para uma breve reunião à porta fechada, apurou o DN junto de fonte europeia.

"Tenho a certeza de que vamos conseguir funcionar bem", assegurou António Costa em declarações aos jornalistas, destacando que os anos que participou como chefe de governo nas reuniões europeias lhe permitiram estabelecer boas relações com as futuras líderes institucionais, com quem vai partilhar o palco europeu.

"Com a presidente da Comissão [Ursula von der Leyen] tenho já cinco anos de trabalho consecutivos e sempre com grande intensidade e uma excelente relação. Fizemos, aliás, um teste que foi durante a presidência portuguesa, num período particularmente crítico, em que tínhamos a pandemia e onde, portanto, os contactos não eram só os tradicionais contactos. [...] Tiveram de ser bastante mais intensos", afirmou António Costa, acrescentando que "com a primeira-ministra Kaja Kallas teve sempre um bom relacionamento no Conselho".

"Acho que temos todas as condições para o ter e também temos a vantagem de ter aprendido com as lições das experiências anteriores. E isso ajuda também muito a prosseguir as boas práticas e evitar as más práticas, que podem não fazer com que as coisas corram bem."

Questionado sobre se se revê no elogio do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que considerou o ex-primeiro-ministro como o mais indicado, por ser apoiado por conservadores, liberais e até pela direita mais radical, António Costa afirmou que tem como missão formar consenso entre todos.

"Toda a gente sabe qual é a minha família política, estou aqui no Partido Socialista Europeu porque sou socialista e fui eleito porque sou socialista", afirmou, com a ressalva de que "o presidente do Conselho Europeu tem que se saber colocar também acima das famílias políticas para o exercício das suas funções [...] e ter a noção de que todos têm igual direito e merecem igual respeito."

Também garantiu que esta máxima será válida inclusive para a relação com a primeira-ministra italiana, com quem promete trabalhar sem atritos, apesar do voto contra de Giorgia Meloni. "Compreendo perfeitamente o voto da primeira-ministra de Itália e colaborarei com todos os 26 membros do Conselho", afirmou, destacando que "o Conselho Europeu é constituído por políticos, não por tecnocratas, e cada um tem as suas orientações políticas."

Costa promete, assim, "respeitar todos", evidenciando que "a União Europeia é uma união de Estados democráticos" em que "os governos resultam da vontade popular". Lembrando que quando entrou em funções como primeiro-ministro "também houve quem criticasse" o seu governo, assegura agora que "é normal que haja divergências no Conselho."

A falar sobre o atual momento político na Europa, após uma transferência de votos para partidos antieuropeus, em particular perante a possibilidade de, em França, a crise política resultar na eleição de um governo eurocético, António Costa diz esperar "que os cidadãos franceses votem de acordo com a sua consciência", embora, "enquanto socialista" [...], desejasse "um excelente resultado para a sua família política."

"O importante é sermos capazes de tomar decisões conjuntas, apesar das diferenças", observou, prometendo, a partir de agora, concentrar-se no trabalho que terá ao longo dos próximos dois anos e meio de duração do mandato, nomeadamente "implementar a agenda estratégica aprovada na quinta-feira pelo Conselho Europeu."

"Vou falar com o atual presidente, Charles Michel, para garantir uma transição suave. Preparar-me-ei, organizando o gabinete em função da agenda estratégica", afirmou, acentuando que iniciará, assim que possível, contactos com os chefes de Estado ou de governo. "Vou querer falar com todos os líderes para melhorar os métodos de trabalho no seio do Conselho", prometeu.

Congratulando-se com "a forma clara como se expressou o Conselho Europeu", do qual recebeu "um voto de confiança que o honra", espera, "nos próximos dois anos e meio, corresponder às expectativas."

"Recordo-me bem como foi difícil, há cinco anos, tomar uma decisão no Conselho sobre três nomes sobre os quais tínhamos de decidir. Desta vez pareceu-me relativamente rápida essa decisão", realçou ainda.

EPA/OLIVIER HOSLET / POOL

Von der Leyen, Kallas e Costa – o primeiro português e primeiro socialista à frente do Conselho Europeu.

"Sei que os três vamos ser uma grande equipa. Anseio pela confirmação do Parlamento Europeu."

Ursula von der Leyen
Presidente da Comissão Europeia

"Construir a unidade entre os Estados-membros será a minha principal prioridade quando assumir o meu cargo em dezembro."

António Costa
Eleito presidente do Conselho Europeu

"A escolha teria, necessariamente, que recair num socialista aceite pelos conservadores, pelos liberais e também pela direita mais radical."

Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

"O Conselho Europeu confia nos candidatos que foram escolhidos e está confiante de que este será um bom sinal enviado aos cidadãos europeus."

Charles Michel
Presidente do Conselho Europeu

Sistema de radares vai ser reforçado. Até maio já houve mais de 216 mil multas

TRÂNSITO Evitar os acidentes com feridos graves e mortos é o grande objetivo do Sistema Nacional de Controlo de Velocidade (SINCRO). As infrações baixaram, mas há uma média de cerca de 43 mil multas por mês, só este ano.

Na estrada nacional 101, em Guimarães, onde foram introduzidos radares, houve uma grande redução no excesso de velocidade.

TEXTO **ISABEL LARANJO**

Corria o dia 6 de julho de 2016 quando foi instalado o primeiro radar do Sistema Nacional de Controlo de Velocidade (SINCRO) na A5, ao quilómetro 7+750, no concelho de Oeiras. Desde então, foram sendo instalados, progressivamente, 61 radares de controlo de velocidade. E "no dia 1 de setembro de 2023 o SINCRO iniciou a duplicação da sua capacidade de 61 para 123 locais de controlo de velocidade, com mais 62 locais", informa, ao DN, a Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR).

Em setembro do ano passado entrou também em vigor uma novidade: os radares de controlo de velocidade média entre dois pontos de um determinado troço de estrada. "Nessa data entraram em funcionamento 37 novas áreas de controlo de velocidade, 12 delas com o controlo de velocidade média." Agora o SINCRO vai ser alargado com a entrada em funcionamento de mais 25 radares no dia 6 de julho, em que 11 são de velocidade média, elevando para 23 o total de equipamentos com esta tecnologia nas estradas nacionais. Estes foram "colocados em zonas em que a sinistralidade se verifica ao longo de troços com alguma extensão, e não apenas de pontos, pelo que a recomendação é a utilização de equipamentos de controlo da velocidade média em vez dos tradicionais equipamentos de velocidade instantânea". De todos os radares, "70% estão instalados fora das autoestradas, estando na sua maioria em estradas nacionais, itinerários principais e complementares, que concentram 47% das vítimas mortais", acrescenta a ANSR.

> A seleção dos pontos onde foram instalados os radares SINCRO obedeceu à análise dos locais "com concentração de acidentes mortais e onde a velocidade mata".

A fiscalização aumentou e isso é evidente nos números oficiais. Comparando os dados antes e após a implementação do SINCRO, em 2018 foram fiscalizados 74.573.218 de veículos, número que aumentou para 92.402.878 em 2024, até ao final de maio. Em 2018 foram registadas 406.475 infrações, enquanto este ano, em apenas cinco meses, já são 216.656, o que dá uma média mensal superior a 43 mil.

A ANSR tem mantido uma política de transparência em relação à localização dos radares de controlo de velocidade, publicitando a sua localização através da campanha Os Radares Salvam Vidas, no *site www.radaresavista.pt*, através de sinalização nas estradas e ainda através de uma parceria com a aplicação Waze, "garantindo o conhecimento público da localização de todos os radares SINCRO e maximizando a capacidade dos mesmos para salvar vidas". Ainda segundo esta entidade, a presença destes equipamentos permite "a adoção de comportamentos adequados ao volante. Ou seja, a ANSR pretende que todos os que circulam nas estradas portuguesas conheçam previamente as zonas (no caso dos de velocidade média, que conheçam o início e o fim do troço), para que em todas as situações cumpram os limites de velocidade, protegendo não só a sua vida, mas também a da sua família e a dos outros", explica ao DN. E reforça: "Estes são radares salva-vidas. Queremos contar as vidas salvas e não as infrações cometidas."

Os sítios onde são colocados os radares obedecem a determinados critérios. "Obedeceu à análise dos locais de maior concentração de acidentes e à análise das causas dos mesmos, nomeadamente onde a velocidade excessiva se revelou fortemente para essa sinistralidade", explica a autoridade. "Ou seja, os equipamentos foram instalados nos locais com concentração de acidentes mortais e onde a velocidade mata."

Há resultados mensuráveis da utilização dos radares. "Quando comparado com igual período anterior à data de funcionamento deste sistema, registaram-se menos 36% de acidentes com vítimas, menos 74% de vítimas mortais, menos 44% de feridos graves e menos 36% de feridos leves."

"Campeões" de menor velocidade

Segundo a ANSR, "nos locais onde foram instalados os novos radares verificou-se, face a medições efetuadas antes da sua instalação, uma redução média muito expressiva no número de veículos em excesso de velocidade, cerca de 90%". Há mesmo "radares campeões de redução de velocidade". São cinco e estão espalhados de norte a sul do país e devidamente identificados pela ANSR. "Na EN101, em Guimarães, na EN206, em Fafe, no IC2, em Coimbra, no IP7 (Eixo Norte-Sul), em Lisboa, e ainda no IC17 (CRIL), em Odivelas."

De futuro "poderá ser ponderada a instalação de novos radares, até porque Portugal tem um número de radares por milhão de habitantes muito inferior aos países com melhor desempenho em segurança rodoviária".

A partir de 6 de julho haverá mais destes dispositivos para controle da velocidade espalhados pelo país. "Com estes 62 controlos de velocidade colocados nas zonas de concentração de acidentes mortais e onde a velocidade excessiva se revelou uma das causas para essa sinistralidade, a ANSR reforça o combate à sinistralidade." A A entidade dá ainda conta de que nestes 62 locais, "nos últimos cinco anos, perderam a vida 115 pessoas, uma média de 23 vítimas mortais por ano". Com o reforço feito de 37 radares, em setembro de 2023, "embora haja a lamentar três vítimas mortais, verifica-se uma redução significativa face à média dos últimos cinco anos".

A duplicação de radares tem em vista o programa Visão Zero 2030. "Esta visão parte do princípio fundamental de que, em contexto de segurança rodoviária, zero é o único número de mortes aceitável, promovendo um sistema onde fatalidades e feridos graves são eventos perfeitamente evitáveis." O grande objetivo é "atingir a meta de redução de 50% nos números de mortos e feridos graves até 2030", conclui a ANSR ao DN.

isabel.laranjo@dn.pt

74%

Redução Desde que foi implementado o sistema SINCRO que houve uma redução de 74% de vítimas mortais em acidentes de viação nos sítios onde estão instalados os radares de controlo de velocidade.

90%

Diminuição A presença de radares parece ser dissuasiva de comportamentos abusivos ao volante. Desde que há o SINCRO que se registam menos 90% de veículos em excesso de velocidade.

3 em 1000

Taxa A transparência da ANSR na sinalização de radares tem vindo a fazer diminuir a taxa de infração. Em 2018, 6 em cada mil veículos fiscalizados infringiam. Esse número baixou para 3 em mil.

92.402.878

Fiscalização Só nos primeiros cinco meses de 2024 foram fiscalizados mais de 92 milhões de viaturas. Destas, 216.656 estavam em infração, o que representa uma média de 43 mil multas por mês.

3

Vítimas Após a instalação dos novos radares, em setembro de 2023, há a lamentar três mortos em locais com radar instalado: na A1, Mealhada, na EN5, Setúbal, e na N10, em Vila Franca de Xira.

Foram operados 7465 doentes com cancro em "pouco mais de um mês"

SAÚDE Número foi avançado pela ministra Ana Paula Martins no Parlamento. PS diz que são duas as palavras que marcam o plano de emergência do governo: "instabilidade" e "opacidade".

Mais de 7400 dos nove mil doentes com cancro identificados no Plano de Emergência da Saúde foram operados entre 18 de maio e 21 de junho, 98% dos quais no Serviço Nacional de Saúde, anunciou ontem a ministra da Saúde.

Estas 7465 cirurgias foram realizadas no âmbito do programa cirúrgico extraordinário OncoStop2024, criado pelo governo para reduzir a lista de espera, adiantou Ana Paula Martins no Parlamento, onde decorreu esta manhã uma interpelação ao governo sobre "Um plano de emergência para o Plano de Emergência da Saúde apresentado pelo governo", a pedido do Bloco de Esquerda.

A ministra referiu que em pouco mais de um mês "o SNS tratou milhares de doentes com problemas oncológicos e a precisarem de cirurgias", sublinhando que nestas situações "cada dia de atraso à espera de uma cirurgia é mais um dia de enorme incerteza e de sofrimento". Estes dados foram questionados pela deputada do PS Mariana Vieira da Silva, comentando que são números que "mais uma vez" o PS não pode avaliar. "Não tenho capacidade, nem nenhum dos senhores deputados tem, de o verificar, uma vez que o portal da transparência do SNS só tem dados de 2023" e "o Plano de Emergência continua a ter dados errados sobre as cirurgias oncológicas fora dos tempos médios de resposta garantidos", criticou. Para Vieira da Silva, ministra do anterior governo PS, há duas palavras que marcam o plano de emergência: "Instabilidade" e "opacidade".

Segundo dados avançados pela ministra, existiam, a 30 de abril, 271.500 doentes em lista de espera para cirurgia e na lista de espera para consulta figuravam mais de 891 mil pedidos. "Nas últimas semanas, graças ao empenho dos profissionais de saúde, conseguiu-se reduzir em mais de 30% o número de doentes à espera de cirurgia", sublinhou a governante.

Na sua primeira intervenção, a ministra da Saúde citou o relatório do Conselho das Finanças Públicas sobre a "Evolução do Desempenho do Serviço Nacional de Saúde" em 2023, afirmando que "traçou um retrato crítico de uma das grandes conquistas" da democracia. "Portugal enfrenta graves problemas de acesso aos cuidados de saúde que não são de agora, mas que se têm vindo a agravar nos últimos anos", disse, apontando os mais de 1,7 milhões de utentes sem médico de família em 2023, mais 230 mil do que em 2022. De acordo com a governante, o total de consultas médicas realizadas nos centros de saúde diminuiu pelo segundo ano consecutivo, apesar do aumento para 10,6 milhões de inscritos no SNS.

Na intervenção final, Ana Paula Martins avançou que o governo vai rever as regras que ditam a transferência de doentes entre diferentes níveis de cuidados, assegurando que recebem o tratamento adequado no local e no momento certo, e a implementação, de "uma vez por todas", das redes de referência e dos centros de referência. Anunciou também que em junho de 2025 o registo clínico eletrónico vai ser uma realidade no SNS, ao fim de mais de 20 anos.

DN/LUSA

A ministra da Saúde, Ana Paula Martins, ontem no Parlamento.

BREVES

Isabel Rodrigues eleita presidente de Comissão contra o Racismo

A ex-deputada socialista e ex-secretária de Estado da Igualdade e Migrações Isabel Almeida Rodrigues foi eleita presidente da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial (CICDR), organismo que agora funciona na dependência da Assembleia da República. A escolha de Isabel Rodrigues, indicada pelo PS e aprovada em 19 de junho pelo presidente da Assembleia da República, após receber 145 votos a favor, 68 brancos e 10 nulos, foi publicada ontem em *Diário da República*. O facto de só agora ter sido escolhida a pessoa que vai presidir à CICDR deixou esta comissão parada por mais de seis meses, consequência da queda do anterior governo socialista e posteriores eleições legislativas. A CICDR era um organismo que inicialmente funcionava na dependência do Alto Comissariado para as Migrações, organismo que se extinguiu com a criação da Agência para a Integração, Migrações e Asilo (AIMA).

Viseu. São Mateus terá limite de pessoas em dias de espetáculo

A Feira de São Mateus (FSM), em Viseu, terá um limite de 25 mil pessoas em dias de espetáculo por motivos de conforto e segurança, anunciou ontem a Viseu Marca, entidade que organiza o certame. O número em causa foi coordenado com a equipa de segurança da Feira de São Mateus para que não haja qualquer desconforto, como aconteceu em 2023, no dia do concerto dos Calema, no qual estiveram mais de 35 mil pessoas no recinto. "Temos de estar todos satisfeitos. Nós, com o serviço que prestamos, e quem nos visita", justificou Pedro Alves, presidente da Viseu Marca. A 632.ª edição da Feira de São Mateus decorre entre 1 de agosto e 8 de setembro "de forma oficial, embora o certame continue até dia 21, dia de São Mateus e feriado municipal".

Opinião
Anselmo Borges

Immanuel Kant: o Homem e Deus

Neste tempo dominado por maquinarias de estupidificação, quando o que mais falta é, por isso mesmo, pensar criticamente, não podia deixar passar o terceiro centenário do seu nascimento sem uma brevíssima referência. Refiro-me a Immanuel Kant, que nasceu no dia 22 de Abril de 1724 em Königsberg, antiga Prússia, actualmente Kaliningrado, um enclave russo entre a Polónia e a Lituânia, e que morreu nessa mesma cidade no dia 12 de Fevereiro de 1804. É lá, na Catedral de Kaliningrado, que se encontra uma lápide com a sua frase célebre : "Duas coisas enchem a mente de uma admiração e um respeito sempre novos e crescentes quanto mais frequentemente e com maior persistência delas se ocupa a reflexão: o céu estrelado sobre mim e a lei moral em mim."

Kant, um dos maiores filósofos de sempre, deixou um legado essencial: uma atitude de pensamento crítico que vá ao essencial. *Sapere aude!* Ousa saber, ousa pensar, atreve-te a saber, atreve-te a pensar! "Que é Iluminismo? O Iluminismo é a libertação do ser humano da sua incapacidade culpada. A incapacidade significa a impossibilidade de servir-se da sua inteligência sem a guia de outro. Esta incapacidade é culpada porque a sua causa não reside na falta de inteligência, mas na falta de decisão e coragem para servir-se por si mesmo dela sem a tutela de outro. *Sapere aude!* Tem a coragem de servir-te da tua própria razão!"

Em síntese, a obra de Kant vai ao encontro destas três perguntas essenciais: "Que posso saber?", "que devo fazer?", "o que é que me é permitido esperar?".

Na sequência da sua "revolução copernicana" quanto ao conhecimento, concluiu que, escapando à experiência, Deus e a imortalidade não podem ser conhecidos. Não são demonstráveis.

Como agir bem moralmente? Há para isso um critério seguro? Este critério não está em seguir os desejos ou inclinações pessoais, os hábitos de acção dos grupos ou países. Esse critério também não se encontra na busca da felicidade. Para Kant, esse critério consiste num "imperativo categórico". Em que consiste? Se queremos saber se uma acção é moral, deve-se sujeitar a máxima ou regra pela qual nos guiamos a um teste de universalização. Assim, numa das suas formulações: "Age como se a máxima da tua acção devesse ser erigida pela tua vontade em lei universal de natureza." Quando agimos, se queremos saber se estamos a agir moralmente, perguntemos: o que aconteceria se todos aplicassem a regra ou máxima. Um exemplo: a mentira. É moral mentir? Para sabê-lo, perguntemos: é universalizável? O que sucederia se todos mentissem? É evidente que a própria mentira se tornaria absurda, pois mentir só vale, isto é, só tem eficácia, no pressuposto de que as pessoas confiam no que alguém lhes diz. Portanto, mentir é imoral. Outro exemplo, este pela positiva: aliviar o sofrimento dos desgraçados. Neste caso, os sofrimentos próprios da condição humana encontrariam sempre um alívio. Aí está, pois, uma acção moral. Kant segue, portanto, na sua apreciação moral, um critério racional em autonomia. Mas, uma vez que nem sempre é fácil este critério da universalização, Kant propõe outra formulação do mesmo imperativo categórico: "Age de tal modo que trates a humanidade tanto na tua pessoa como na pessoa de todos os outros sempre como um fim, nunca como um simples meio." Cá está, pois: as coisas têm um preço, porque são meios, o Homem não tem preço, mas dignidade, porque é fim.

> **Embora nunca tenha saído da sua cidade natal, tinha ideias cosmopolitas e é dele a expressão *Völkerbund* (Liga de Povos) como organização internacional em ordem à paz mundial, concretizada no século XX na Sociedade das Nações e na ONU.**

Do dever moral enquanto imperativo categórico seguem-se os chamados postulados da razão prática.

Em primeiro lugar, a liberdade. Diz Kant: "Podes, porque deves." Se deves, podes; é pela lei moral que sabemos que somos livres; agir moralmente é afirmar a liberdade, que não é arbítrio, e, por isso, educar tem de ser educar para a liberdade. Neste sentido há um célebre exercício mental na sua *Crítica da Razão Prática* que obriga a pensar. Suponhamos que alguém, sob pena de morte imediata, se vê confrontado com a ordem de levantar um falso testemunho contra uma pessoa que sabe ser inocente. Nessas circunstâncias, e por muito grande que seja o seu amor à vida, pensará que é possível resistir. "Talvez não se atreva a assegurar que assim faria no caso de isso realmente acontecer; mas não terá outro remédio senão aceitar sem hesitações que tem essa possibilidade." Existem as duas possibilidades: resistir ou não. "Julga, portanto, que é capaz de fazer algo, pois é consciente de que deve moralmente fazê-lo, e, desse modo, descobre em si a liberdade que, sem a lei moral, lhe teria passado despercebida."

A esperança da felicidade, imortalidade e Deus. Não é critério da moralidade a busca da felicidade. Mas quem cumpre o seu dever moral incondicional torna-se digno de ser feliz. Este merecer ser feliz mostra-se no exemplo acabado de apresentar. Suponhamos que a pessoa preferiu de facto ser morta a levantar um falso testemunho contra o inocente. Casos destes acontecem, há muitos exemplos históricos. Ora, a ligação entre o dever cumprido e a felicidade não se dá neste mundo, pelo contrário, o cumprimento do dever implicou dar a vida. Por isso postula-se a imortalidade e exige-se moralmente que Deus exista.

Embora nunca tenha saído da sua cidade natal, tinha ideias cosmopolitas e é dele a expressão *Völkerbund* (Liga de Povos) como organização internacional em ordem à paz mundial, concretizada no século XX na Sociedade das Nações e na ONU.

P. S. Estimados leitores e leitoras, até Agosto!

Padre e professor de Filosofia.
Escreve de acordo com a antiga ortografia.

JUSTIN SULLIVAN / GETTY IMAGES VIA AFP

Donald Trump e Joe Biden defrontaram-se na quinta-feira à noite no primeiro dos dois debates previstos para esta campanha presidencial.

Biden perde debate e abre um novo debate: será melhor dar lugar a outro?

EUA Presidente norte-americano admitiu não falar, nem debater, "tão bem como antes", mas garantiu que está apto para mais quatro anos de mandato na Casa Branca.

TEXTO **ANA MEIRELES**

"Não faço ideia do que ele disse no fim daquela frase. E acho que ele também não". Esta declaração de Donald Trump, proferida depois de Joe Biden ter pronunciado algo que ninguém percebeu quando tentava explicar como pretende resolver a crise migratória na fronteira com o México, era ontem a mais usada pelos *media* americanos para explicar a dimensão da derrota do democrata no primeiro debate para as presidenciais de novembro, realizado quinta-feira à noite (madrugada de ontem em Lisboa).

Uma derrota de tal forma expressiva que o Partido Democrata estava esta sexta-feira dominado por uma espiral de pânico e a pensar qual será o melhor passo seguinte: todos unidos em torno de Biden? O presidente desistir da corrida e dar lugar a outro? E quem seria esse outro, a *vice* Kamala Harris? Haverá alguém disposto a desafiá-lo na convenção democrata? "O movimento para convencer Biden a não concorrer é real", dizia ontem ao Politico um congressista democrata, garantindo que falava também em nome de outros.

O veredicto sobre o desempenho de Biden por parte dos estrategistas do partido e dos media foi unânime e contundente, rotulando o debate como um "desastre político" e destacando a "consternação" dentro das fileiras do partido com a eleição a pouco mais de quatro meses de distância. "Não há duas maneiras de dizer isto – este não foi um bom debate para Joe Biden", disse a ex-chefe de comunicações democrata da Casa Branca Kate Bedingfield à CNN, pouco depois do debate. Maria Shriver, membro destacado da dinastia democrata Kennedy, fez o que quase equivaleu a um elogio fúnebre às esperanças de reeleição de Biden. "Eu amo Joe Biden. Sei que ele é um bom homem", publicou no X. "Esta noite foi comovente em muitos aspetos. Este é um grande momento político. Há pânico no Partido Democrata".

Para o Politico, "os democratas acordam para o pesadelo", enquanto que o *The New York Times* escrevia que o partido – incluindo membros da própria administração Biden – trocaram telefonemas e mensagens de texto "frenéticas" à medida que o debate se desenrolava. Alguns também "discutiram entre si se era tarde demais para persuadir o presidente a renunciar em favor de um candidato mais jovem", acrescentou o jornal.

Um candidato forte – mas não automático – para ocupar o lugar de Biden seria a vice-presidente, Kamala Harris, que defendeu lealmente o seu desempenho, embora reconhecesse que teve um "início lento, isso é óbvio para todos, não vou discutir esse ponto, mas acho que teve um final forte". Outros nomes falados como possíveis substitutos de Joe Biden eram ontem o governador da Califórnia, Gavin Newsom, a governadora do Michigan, Gretchen Whitmer, o governador do Illinois, JB Pritzker, e o veterano senador do Ohio, Sherrod Brown. Mas, pelo menos, Newsom esta sexta-feira já havia garantido a sua lealdade e apoio ao presidente.

Quem parece ter a certeza de que Joe Biden é o melhor candidato que os democratas podem apresentar em novembro, embora reconhecendo que a sua prestação no debate poderia ter sido melhor, é o próprio Joe Biden. "Sei que não sou um homem jovem, para dizer o óbvio. Sei que não ando tão facilmente como antes, não falo tão bem como antes, não debato tão bem como antes, mas sei o que sei. Sei dizer a verdade", afirmou o presidente esta sexta-feira num comício na Carolina do Norte.

E para quem não tinha percebido a mensagem ele foi ainda mais claro: "Pessoal, dou-vos a minha palavra como Biden, não voltaria a concorrer se não acreditasse de todo o coração e alma que posso fazer este trabalho. Porque, francamente, os riscos são demasiado elevados".

ana.meireles@dn.pt

"Foi um começo lento, isso é óbvio para todos, não vou discutir esse ponto, mas acho que teve um final forte."

Kamala Harris
Vice-presidente dos EUA

"Nunca virarei as costas ao presidente Biden. Não conheço nenhum democrata no meu partido que faria isso."

Gavin Newsom
Governador da Califórnia

"A escolha nesta eleição continua muito simples. É uma escolha entre alguém que se preocupa consigo – os seus direitos, as suas perspetivas, o seu futuro – versus *alguém que só está nisto por si mesmo. Vou votar em Biden."*

Hillary Clinton
Antiga candidata presidencial democrata

"Se forem as mesmas questões e o mesmo procedimento, provavelmente não o faria. Não sou conselheiro dele, mas provavelmente não o aconselharia a fazer isso [o segundo debate]."

Joyce Beatty
Congressista democrata eleita pelo Ohio

Zelensky recebeu a sua homóloga eslovena, Natasha Pirc Musar.

HANDOUT / UKRAINIAN PRESIDENTIAL PRESS SERVICE / AFP

Rússia alerta para risco de confronto com a NATO

UCRÂNIA Zelensky diz estar a trabalhar num novo plano para pôr fim à guerra, ao mesmo tempo que continua a fortalecer-se militarmente.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Moscovo avisou esta sexta-feira que os voos de drones militares norte-americanos no Mar Negro para ajudar as forças ucranianas a atacar alvos russos aumentam "o risco de confronto direto" com a NATO e prometeu responder.

O Ministério da Defesa russo afirmou num comunicado que registou recentemente "um aumento da intensidade de voos de veículos aéreos não tripulados dos Estados Unidos no Mar Negro", alegando que os drones são utilizados "para reconhecimento e designação de alvos para armas de precisão fornecidas às forças armadas ucranianas" pelo Ocidente para atacar alvos russos.

"Isto aponta para o envolvimento crescente dos Estados Unidos e dos países da NATO no conflito na Ucrânia, ao lado do regime de Kiev", pode ler-se no mesmo comunicado, onde é ainda referido que os voos "multiplicam a probabilidade de incidentes no espaço aéreo com os aviões das forças aeroespaciais russas, o que aumenta o risco de um confronto direto" entre a NATO e a Rússia. Neste sentido, o ministro da Defesa russo, Andrei Belousov, "ordenou ao Estado-Maior das Forças Armadas que apresentasse propostas de medidas para responder rapidamente às provocações".

Nas últimas semanas, Moscovo acusou o Ocidente de se ter tornado parte no conflito na Ucrânia, ao autorizar Kiev a realizar ataques condicionais com armas ocidentais contra instalações militares em território russo. Os aliados ocidentais sempre se mostraram relutantes em dar essa autorização com receio de provocar uma escalada, mas acabaram por fazê-lo após a Rússia ter lançado em maio uma nova ofensiva no leste da Ucrânia.

A 24 de junho, a Rússia ameaçou os Estados Unidos de retaliação, acusando-os de "matar crianças russas", no dia seguinte a um ataque ucraniano na Crimeia, uma península junto ao Mar Negro anexada por Moscovo em 2014. As autoridades russas alegam que os ataques com mísseis ATACMS de longo alcance não podem ser executados apenas pela Ucrânia, uma vez que requerem especialistas, tecnologia e informações recolhidas pelos norte-americanos.

Do lado de Kiev, o presidente Volodymyr Zelensky anunciou ontem que está a trabalhar num novo plano para pôr fim à guerra na Ucrânia, ao mesmo tempo que continua a fortalecer-se militarmente para obrigar a Rússia a aceitar uma "paz justa". "É muito importante para nós mostrarmos um plano para acabar com a guerra que seja apoiado pela maioria [dos países] do mundo, é isso que estamos a fazer diplomaticamente", afirmou o líder ucraniano em Kiev, ao lado da sua homóloga eslovena, Natasha Pirc Musar. "Não queremos prolongar esta guerra e devemos alcançar uma paz justa o mais rapidamente possível", acrescentou.

Mas Volodymyr Zelensky também insistiu no facto de que o seu país deve, ao mesmo tempo, fortalecer a sua indústria militar, porque "a Rússia só entende a força e apenas respeita os fortes". "São duas coisas em paralelo: ser forte no campo de batalha e desenvolver um plano, um plano claro e detalhado, que estará pronto este ano".

No dia anterior, em Bruxelas, Zelensky disse que o plano em que a Ucrânia está a trabalhar, com os seus parceiros, terá de ser apresentado numa segunda cimeira de paz e Kiev indicou que a Rússia poderia ser convidada. "Temos muitos feridos e mortos no campo de batalha e entre os civis. É por isso que não queremos que a guerra dure anos, e é por isso que estamos a preparar este plano em conjunto, para o colocar em cima da mesa durante uma segunda cimeira de paz", afirmou. **Com Agências**

Xi promete "grandes" reformas para breve

CHINA Presidente chinês afirmou que vão criar um "ambiente de negócios mais internacional e orientado para o mercado".

O presidente da China, Xi Jinping, disse ontem que o Partido Comunista está a planear e a implementar "grandes" reformas, antes de um conclave político marcado para julho e que deverá colocar a recuperação económica no topo da agenda, numa altura em que têm tentado reativar o crescimento desde o fim das rigorosas restrições à pandemia.

No seu discurso de ontem, Xi adiantou que "vamos criar um ambiente de negócios mais internacional e orientado para o mercado", deixando claro que "a porta da China abrir-se-á cada vez mais e nunca será fechada". Na quinta-feira foi anunciado que o Terceiro Plenário – uma reunião seguida em busca de sinais sobre a direção da política económica, inicialmente prevista para o último outono – terá lugar em julho.

O líder chinês elogiou ainda Pequim como sendo uma força para a paz global, dizendo no seu discurso que continuarão a desempenhar "papéis construtivos" em conflitos internacionais como Gaza e Ucrânia. De recordar que a China foi criticada pelos aliados da Ucrânia por não ter condenado a invasão da Rússia, sendo acusada de favorecer Moscovo.

Xi apelou ainda a uma maior cooperação entre a China e os países em desenvolvimento. "O envolvimento em práticas de dissociação de pequenos quintais e muros altos é mover-se contra a maré da história", declarou, sublinhando que "isso só prejudicará os interesses comuns da comunidade internacional". **A.M.**

Reformas de Javier Milei aprovadas pelo Congresso

ARGENTINA Polémico pacote económico permite ao presidente, entre outras coisas, flexibilizar leis laborais e privatizar empresas públicas.

O Congresso argentino concedeu esta sexta-feira a primeira vitória legislativa ao presidente ultraliberal Javier Milei, ao aprovar o seu pacote de reformas económicas, embora reduzido em relação à versão original, após muitas mudanças durante meses de debate. "O gabinete da Presidência da República Argentina celebra a aprovação da Lei de Bases e Pontos de Partida para a Liberdade dos Argentinos", publicou a Casa Rosada na rede social X.

Com esta lei, Milei obtém poderes legislativos delegados por um ano, incentivos para grandes investimentos por 30 anos, uma flexibilização da legislação laboral e autorização para privatizar diversas empresas públicas, entre outros pontos. "Vamos dar ao governo do presidente Milei as ferramentas para que possa reformar o Estado de uma vez por todas", disse o líder do grupo parlamentar do partido do governo, Gabriel Bornoroni.

No campo político, esta aprovação "significa um sucesso total para o governo", explicou à AFP o cientista político e economista Pablo Tigani. Mas, economicamente, "será um regresso à política dos anos 1990 com desregulamentações, privatizações e uma abertura incondicional da economia que provocará um duro golpe na indústria e nas pequenas e médias empresas nacionais, com uma transferência de rendimentos fenomenal para os setores mais concentrados da economia", referiu o mesmo especialista. **DN/AFP**

Opinião
Marco Serronha

A Organização do Tratado do Atlântico Norte aos 75 anos: realidades e desafios

A OTAN fez, em abril último, 75 anos, fruto da assinatura do Tratado de Washington, em 4 de abril de 1949, pelos Estados-membros fundadores, 12 países nessa altura, onde se incluía Portugal. Esta Aliança, de caráter exclusivamente defensivo, resultou da necessidade de se fazer face à ameaça causada pelo Exército soviético sobre a soberania dos países da Europa Ocidental, muitos deles em condições difíceis, fruto da guerra que assolou o continente (e o mundo) durante cerca de seis anos. Embora a União Soviética tenha sofrido bastante com a agressão nazi ao seu território, construiu um poderoso instrumento militar, que manteve mesmo após o fim das hostilidades. Os países europeus, com exceção do Reino Unido, não possuíam instrumentos militares capazes de se oporem a uma possível expansão para oeste das forças soviéticas, que ocuparam os países da Europa Central e Oriental, assim como a Alemanha Oriental. Essa garantia só poderia ser dada pelos Estados Unidos, que mantiveram forças em território europeu durante todo o período da Guerra Fria, que terminou entre 1989 e 1991 com a queda do Muro de Berlim, o colapso da União Soviética e o fim do Pacto de Varsóvia. Foi uma vitória fruto do efeito da dissuasão e do colapso económico do regime comunista, resultante dos efeitos da estratégia de contenção, gizada por George Kennan, logo após o final da 2.ª Guerra Mundial.

Salvaguardadas as devidas diferenças com o caráter ideológico da Guerra Fria, estamos em risco de ter uma situação com muitas semelhanças, nomeadamente uma Rússia (de Putin) com um poderoso instrumento militar convencional e nuclear, que já não é comunista, mas que não perdeu o espirito imperialista e quer recuperar a zona de influência da ex-União Soviética, anulando a soberania desses países, e que, em conjugação com outras autocracias, quer alterar a ordem internacional baseada em regras e no direito internacional, nomeadamente os preceitos da Carta das Nações Unidas.

Hoje não temos dúvidas de que o que está em jogo não é só uma redistribuição do poder em termos globais, para uma ordem mais multipolar, mas uma subversão completa do sistema de regras e direitos estabelecidos após o final da 2.ª Guerra Mundial. Esta alteração colocará em risco a estabilidade do sistema internacional, aumentando a conflitualidade e diminuindo a soberania dos mais fracos. Um risco grave para as democracias, pois estas têm sido o único obstáculo, em conjugação com outros países do chamado "Sul Global" (designação em uso mas que não expressa corretamente a geografia, pois muitos destes países estão a norte do Equador), a este movimento revisionista que engloba a Rússia, o Irão, a Coreia do Norte e, ultimamente, a China.

WOJTEK RADWANSKI / AFP

Uma vitória russa na Ucrânia seria o consolidar de uma ameaça ao espaço transatlântico num prazo de três a cinco anos, segundo vários analistas. Seria um mau exemplo para outras situações no globo, nomeadamente com a influência do Irão no Médio Oriente, com a situação crítica da península da Coreia e, de um modo geral, em todo o Indo-Pacífico. Mas também em África e na América Latina, com as políticas externas agressivas deste núcleo de autocracias que colocarão, a curto prazo, em risco a soberania e segurança de muitos países dessas regiões. Urge, assim, construir a solução para uma "não vitória" estratégica de Putin na Ucrânia, pois essa vitória seria o acelerador definitivo para o colapso da ordem internacional atual.

Na próxima cimeira estão muitos assuntos em cima da mesa para a discussão do futuro da Aliança Atlântica e do seu papel, fundamental, na defesa da ordem democrática e liberal, seja nos aspetos políticos, seja nos aspetos de natureza estratégica da defesa e segurança do sistema democrático mundial. Essas garantias de segurança deverão ser extensíveis a todas as democracias das parcerias, num mecanismo inclusivo de todos os que não se revejam numa ordem internacional onde prevaleça a força sobre as regras do sistema das Nações Unidas e do direito internacional.

Esta cimeira dos 75 anos terá de ser mais que uma simples comemoração de aniversário ou uma prova de vida, devendo apontar soluções para os exigentes problemas estratégicos que temos pela frente.

É muito provável que sejamos confrontados com a existência, em simultâneo, destas duas ordens. Isto colocará desafios nas periferias e zonas de fronteira geopolítica, podendo emergir conflitos do tipo da Ucrânia, quando alguns países não quiserem aderir, ou submeter-se, às zonas de influência das autocracias, vendo reduzida a sua soberania. Tudo isto num modelo muito semelhante à anterior Guerra Fria, mas nesta com maior possibilidade de confronto direto entre atores de topo do sistema internacional. A existência das duas ordens irá bloquear o sistema das Nações Unidas, o que já vai sendo uma realidade.

E essa nova conflitualidade exige dos aliados instrumentos militares interoperáveis e tecnologicamente avançados, capazes de dissuadir aventuras de terceiros e, caso falhe a dissuasão, vencerem estrategicamente os conflitos.

O fator nuclear irá estar muito mais presente, pelo que a estratégia de dissuasão tem de ser apurada, assim como a comunicação estratégica, algo que não tem corrido muito bem do lado da NATO e dos aliados durante o conflito da Ucrânia.

E também uma melhor articulação e integração das indústrias de defesa de aliados e parceiros que contribua não só para a eficácia dos instrumentos militares, mas também para uma economia de defesa mais integrada e robusta.

Esta simeira dos 75 anos terá de ser mais que uma simples comemoração de aniversário ou uma prova de vida, devendo apontar soluções para os exigentes problemas estratégicos que temos pela frente, com as condições para a vitória estratégica da Ucrânia, naturalmente, na primeira linha.

Tenente-general.

MIGUEL A. LOPES/LUSA

Custos da FPF com o selecionador são praticamente os mesmos que a federação tinha com Fernando Santos.

Martínez é o 3.º selecionador mais bem pago do Euro 2024

SALÁRIOS Técnico de Portugal surge na lista do Finance Football só atrás de Gareth Southgate (Inglaterra) e Julian Nagelsmann (Alemanha). Entre os jogadores ninguém bate Ronaldo.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Roberto Martínez é o terceiro selecionador mais bem remunerado do Euro 2024. O treinador que substituiu Fernando Santos no comando da equipa das quinas em janeiro de 2023, e que na altura assinou um contrato de três temporadas, aufere quatro milhões de euros brutos por temporada, de acordo com dados disponibilizados pelo *site* Finance Football.

À frente de Martínez só dois nomes: Gareth Southgate, selecionador inglês, que é de longe o mais bem pago, com um salário anual na ordem dos 5,8 milhões de euros, e o alemão Julian Nagelsmann, que aufere 4,8 milhões/ano. O selecionador nacional surge nesta lista à frente de Didier Deschamps (4 milhões), que está ao comando da França desde julho de 2012 e que venceu um Mundial (2018) e uma Liga das Nações (2020-2021).

Martínez representa para a Federação Portuguesa de Futebol um custo mais ou menos idêntico ao de Fernando Santos. O anterior selecionador, que viu o contrato quase dobrar quando renovou até 2020, ganhava 4,75 milhões de euros brutos/época à altura da saída, mas era ele quem pagava à sua equipa técnica, daí que os custos sejam praticamente idênticos.

Na lista dos salários dos selecionadores do Euro 2024 existem algumas curiosidades, a começar pela diferença entre os honorários de Martínez e de Matjaz Kek, que orienta a Eslovénia, o adversário de Portugal no jogo de segunda-feira dos oitavos de final. De acordo com o Finance Football, o técnico esloveno é dos treinadores mais mal pagos, com um salário anual de 300 mil euros, ou seja, 13 vezes menos do que Martínez.

Outra curiosidade diz respeito a Luis de la Fuente, treinador espanhol que orienta uma das seleções apontada nesta altura como a favorita a ganhar o torneio, e que é apenas o 13.º da lista. A situação tem uma justificação: De la Fuente pertencia aos quadros da federação espanhola de futebol e era treinador dos sub-21 de Espanha antes de substituir Luis Enrique. Mesmo assim teve um aumento significativo do salário quando no início do mês renovou contrato.

OS SALÁRIOS DOS SELECIONADORES

Selecionador	Salário
1. Gareth Southgate (Inglaterra)	5,8 M€
2. Julian Nagelsmann (Alemanha)	4,8 M€
3. Roberto Martínez (Portugal)	4 M€
4. Didier Deschamps (França)	3,8 M€
5. Ronald Koeman (Países Baixos)	3 M€
6. Luciano Spalletti (Itália)	3 M€
7. Vicenzo Montella (Turquia)	1,8 M€
8. Murat Yakin (Suíça)	1,6 M€
9. Ralf Rangnick (Áustria)	1,5 M€
10. Domenico Tedesco (Bélgica)	1,5 M€
11. Zlatko Dalic (Croácia)	1,5 M€
12. Dragan Stojkovic (Sérvia)	1,4 M€
13. Luis de la Fuente (Espanha)	1,25 M€
14. Serhiy Rebrov (Ucrânia)	1,25 M€
15. Kasper Hjulmand (Dinamarca)	1,15 M€
16. Sylvinho (Albânia)	750.000€
17. Michal Probierz (Polónia)	560.000€
18. Steve Clark (Escócia)	550.000€
19. Francesco Calzona (Eslováquia)	540.000€
20. Marco Rossi (Hungria)	300.000€
21. Matjaz Kek (Eslovénia)	300.000€
22. Ivan Hasek (Rep. Checa)	250.000€
23. Edward Iordanescu (Roménia)	240.000€
24. Willy Sagnol (Geórgia)	200.000€

Ninguém bate Ronaldo

Se acha que os selecionadores recebem muito, então o que dizer dos maiores craques do Euro. No que diz respeito aos honorários dos jogadores, ninguém bate Cristiano Ronaldo. Segundo o *site* inglês Planet Football, o capitão português que joga no Al Nassr, da Arábia Saudita, aufere qualquer coisa como três milhões de euros semanais, o dobro do segundo da lista, o avançado francês Kylian Mbappé (1,5 milhões por semana), que trocou o PSG pelo Real Madrid e aceitou baixar o ordenado para representar o emblema espanhol.

Seguem-se na lista dos mais bem remunerados o polaco Robert Lewandowski , da Polónia (500 mil por semana), e o sérvio Aleksandar Mitrovic (450), que atua nos sauditas do Al-Hilal – ambos, curiosamente, já foram eliminados do Euro 2024.

nuno.fernandes@dn.pt

Pepe. Seleção como família e segredo da longevidade

Pepe... à defesa. O central português admitiu ontem, em conferência de imprensa, que falou com António Silva na sequência dos dois erros do defesa benfiquista que estiveram na origem dos dois golos da derrota com a Geórgia. Mas não abriu o jogo sobre o teor da conversa. "Sim, falei com ele, como já dissemos em várias ocasiões somos uma família e temos de cuidar de quem faz parte, mas não vou revelar o conteúdo", atirou, mantendo também o tabu sobre o seu futuro.

Segunda-feira, quando entrar em campo diante da Eslovénia, no jogo dos oitavos de final, Pepe será um jogador sem clube (contrato com o FC Porto expira no domingo e não vai ficar no dragão). Mas pouco adiantou sobre este tema: "Eu não navego nisso, caso contrário acho que vou ficar perdido. Não penso muito nisso, sinceramente. O futuro a Deus pertence."

O central, de 41 anos, foi mais expansivo e até brincou quando lhe perguntaram qual era o segredo da sua longevidade de se exibir a um nível tão alto como neste Europeu: "O segredo? A paixão que tenho pelo futebol. Já disse várias vezes que é um privilégio poder levantar-me e fazer o que mais gosto com muita concentração e competitividade. Até brincam comigo porque estou sempre perto da máquina do gelo, da recuperação. Os nossos fisioterapeutas dizem que eu sou quase dono das máquinas. Mas é para me poder recuperar o mais rápido possível. Sei que não o faço tão rápido como os jovens, mas tento fazer o meu melhor para estar sempre disponível."

Apesar da derrota com a Geórgia, o defesa não partilha da opinião de que a esperança dos portugueses diminuiu após esse jogo. "Não concordo. Mesmo com a derrota, sentimos o carinho dos nossos adeptos. Tenho a certeza de que eles vão estar connosco contra a Eslovénia. Sabíamos que esta caminhada não ia ser fácil, por mais que muitos de vocês dissessem que já estava ganho", referiu, adiantando a receita para Portugal vencer a Eslovénia na segunda-feira: "É simples. Concentração competitiva."

Alemanha contra o adeus de Toni Kroos e Dinamarca com ameaça de tempestade

OITAVOS DE FINAL Julian Naglesmann não esclarece se tem surpresa reservada no ataque e selecionador dinamarquês não sabe se pode contar com a estrela Christian Eriksen. Já Itália quer melhorar o nível frente a uma Suíça sem medo.

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

EPA/FRIEDEMANN VOGEL

Naglesmann quer adiar o fim da carreira de Kroos por mais algum tempo.

Tiquetaque, tiquetaque. Os ponteiros do relógio continuam a avançar para o final da carreira de Toni Kroos, que vai coincidir com o último jogo da seleção da Alemanha no Euro 2024. E, terminada a fase de grupos, esta noite (20h00), em Dortmund, frente à Dinamarca, em jogo dos oitavos de final, poderá ser a última dança do médio de 34 anos, que antes do início do torneio disse que queria disputar as últimas partidas da sua carreira "com o maior êxito possível".

É esse êxito que a *Mannschaft* procura esta noite, num jogo que poderá ser prejudicado pela tempestade prevista para a hora da competição, com fortes chuvas e ventos de 100 a 140 quilómetros por hora. Sem querer ouvir falar do eventual adeus de Kroos, Julian Naglesmann assumiu que esta é a partida "mais importante" desde que é selecionador alemão, mas garantiu que a equipa está "bem preparada", embora não tenha revelado a estratégia nem quem estará na frente: Kai Havertz ou Niclas Füllkrug? "Tomei uma decisão, mas não vou revelá-la."

A boa notícia para os alemães é a recuperação de Antonio Rüdiger, que sofreu uma distensão numa coxa nos festejos do golo do empate com a Suíça, pelo que poderá estar no eixo defensivo ao lado de Nico Schlotterbeck, que vai render o castigado Jonathan Tah.

Do lado dinamarquês, o selecionador, Kasper Hjulmand, confirmou ontem que o capitão Christian Eriksen está em dúvida para o embate com os alemães devido a problemas estomacais e intestinais. "Ele está a sentir-se melhor e esperamos que possa jogar", assumiu o treinador, ciente de que seria uma baixa de peso para a sua equipa, que já não poderá contar com o sportinguista Morten Hjulmand, que à partida iria ser rendido por Thomas Delaney, que, no entanto, está em dúvida por causa dos mesmos sintomas de Eriksen.

Sobre o duelo com os vizinhos, o selecionador da Dinamarca lembra que "a Alemanha é uma das favoritas" ao título, mas deixou uma certeza: "Têm jogadores de classe mundial, mas vamos tentar irritá-los e usar os nossos pontos fortes."

Spalletti suspirou de alívio

O primeiro jogo dos oitavos será no entanto em Berlim, às 17h00, com Suíça e Itália a medirem forças. Após o golo tardio que valeu o empate com a Croácia, o técnico italiano Luciano Spalletti voltou a sentir a mesma sensação quando ontem recebeu a notícia de que Alessandro Bastoni recuperou da febre e está apto a jogar. Assim sendo, só vai fazer uma mudança no eixo defensivo, com a entrada de Gianluca Mancini para o lugar de Riccardo Calafiori, que cumpre castigo. "Suspirámos de alívio", assumiu o selecionador italiano, que ainda assim não pode contar com o lateral Federico Dimarco, que recupera de lesão.

Spalletti disse estar avisado para os perigos que vêm do lado suíço. "Eles fazem ataques ferozes e se não estivermos preparados para isso vai tornar-se mais complicado", começou por dizer, elogiando o talento do médio Granit Xhaka. O técnico italiano recordou o apuramento sofrido e assumiu que "o principal problema tem sido o facto de a equipa não ter conseguido manter o nível durante muito tempo" nas partidas que disputou, algo que espera ver mudado já hoje.

Por sua vez, Murat Yakin, selecionador da Suíça, garantiu que a sua equipa "tem qualidade para sobreviver a um jogo" com os italianos, mostrando-se bastante otimista: "Vai correr bem. O empate com a Alemanha deu-nos confiança."

carlos.nogueira@dn.pt

CALENDÁRIO E CLASSIFICAÇÕES

TODOS OS JOGOS TÊM TRANSMISSÃO NA SPORTTV

Avançado celebrizou a camisola 9 do Sporting, clube onde se fez lenda.

ARQUIVO DN

MANUEL FERNANDES

O ídolo de uma geração que foi um campeão no futebol e na vida

1951-2024 O "Manel" de Sarilhos Pequenos, que virou herói dos 7-1 ao Benfica e lançou José Mourinho como treinador, morreu aos 73 anos. Adeptos vão poder despedir-se hoje do "eterno capitão" em Alvalade, a sua casa desde 1975.

TEXTO **ISAURA ALMEIDA**

Morreu na quinta-feira o goleador de Sarilhos Pequenos que se tornou grande no Sporting. O "eterno capitão", como era chamado por aqueles que o viam como lenda leonina, partiu aos 73 anos (1951-2024). Derrotado pela doença, ainda teve a alegria de ver o seu Sporting conquistar o título e receber a visita do troféu de campeão nacional 2023-2024. Hoje, os adeptos vão poder despedir-se do jogador (das 10h30 às 23h30 no *hall* VIP do Estádio José Alvalade).

"Partiu um dos melhores da história do Sporting, um dos melhores da história do futebol português. Mais do que uma lenda, morreu o herói de várias gerações. O coração sportinguista está em sofrimento", lamentou Frederico Varandas, presidente do seu Sporting, onde os heróis como o "Manel" são lembrados e as lendas ficam para sempre.

A morte da "figura incontornável na história" leonina e "ídolo de gerações" deixa "um vazio enorme" no universo sportinguista, segundo Rúben Amorim, grato por ter tido o "privilégio" de conviver com "um campeão no futebol e na vida", cujo legado tentará honrar.

Numa das muitas homenagens e tributos, o Sporting honrou "o ídolo de uma geração" agradecendo os anos de esforço e dedicação ao clube onde chegou meses depois da Revolução de Abril, oriundo da CUF (hoje Fabril). Só duvidou da "missão quase impossível" de substituir Yazalde quem não conhecia o "rapaz atrevido" de Sarilhos Pequenos. O "Manel" tornou-se rapidamente sinónimo de "grandes sarilhos" para os adversários, principalmente para os defesas e guarda-redes.

Goleador nato e avançado dotado de uma técnica apurada e drible curto, marcou 257 golos em 433 jogos de leão ao peito, que fizeram dele o segundo melhor marcador de sempre dos leões, só superado por Fernando Peyroteo: "Fiz aquilo de que mais gostava, que era chegar um dia ao Sporting. Nem que fosse um jogo, eu ficaria feliz."

Em Alvalade conquistou dois campeonatos nacionais (1979-1980 e 1981-1982), duas Taças de Portugal (1977-1978 e 1981-1982) e uma Supertaça (1982-1983). Foi ainda o melhor marcador do campeonato português na temporada de 1985-1986, com 30 golos.

Em 1987, Burkinshaw, um treinador de má memória, mostrou-lhe a porta de saída de Alvalade. Escolheu ir para o também seu Vitória de Setúbal e vingou-se logo no primeiro jogo como sadino... marcando um golo que derrotou os leões (1-0). Foi o primeiro de 16 em 28 partidas na época do adeus aos relvados. "Um dos nossos partiu. Foi uma honra. Até sempre, Manel. Que o céu o celebre com paz e muitos golos", reagiu o emblema sadino que Manuel Fernandes também treinou.

Um sentimento também partilhado pelo Sarilhense, onde começou a carreira e continuará a viver na "memória e saudade".

"Grandes adversários enriquecem a história"
Dos adversários recebeu respeito na hora do adeus. Um respeito que conquistou nos relvados a ferir esses mesmos oponentes com derrotas à custa dos seus golos. É ainda hoje o jogador com mais jogos na I Divisão (486). "Grandes adversários enriquecem a história", como lembrou o FC Porto do seu amigo António Oliveira, com quem partilhou o balneário leonino e o da seleção. "Despedimo-nos de um magnífico jogador e de um ser humano notável", cuja "personalidade cativante" deixará um legado duradouro, alguém que se destacava pela "generosidade e prontidão em partilhar o seu vasto conhecimento sobre futebol".

Humberto Coelho foi futebolista do Benfica e sublinhou os "momentos inesquecíveis, dentro e fora do campo", com o antigo avançado do Sporting. O atual vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol recordou "um grande jogador, grande adversário".

Pela seleção nacional realizou um total de 31 jogos, tendo apontado nove golos. Nunca escondeu a mágoa por não ter sido convocado para as fases finais do Euro 84 e do Mundial 86. Em vez de optar pelo "queixume", pegou nas malas e rumou ao México como adepto.

A primeira chamada tinha acontecido em 1974, pela mão de José Maria Pedroto, ainda como jogador da CUF , que ontem salientou a "contribuição" do antiga glória para a história do clube: "Em 1972-1973, o GD Fabril, na altura CUF, tornou-se no primeiro clube nacional a participar na Taça UEFA, e esse feito deve-se a um golo do Manuel, o qual permitiu que a CUF alcançasse um magnífico quarto lugar no campeonato nacional, com o consequente apuramento para esta competição europeia."

O "Manel" vai ser sempre o herói dos 7-1 ao Benfica, jogo em que fez um *poker* em 1986-1987. Um dérbi memorável, que nas suas palavras nem foi o seu melhor jogo diante do grande rival, mas ainda hoje o resultado mais desnivelado entre os dois clubes em jogos oficiais.

Ajudou Mourinho: "Consigo ouvi-lo dizer 'bora Zé'"
Numa vida dedicada ao futebol teve mais esse toque de midas ao lançar José Mourinho como treinador. "Um grande homem, um superjogador, um verdadeiro amigo, o homem que acreditou no miúdo e me levou para o futebol profissional. Deixou-nos e vai ser um dia difícil para mim no trabalho, mas consigo ouvi-lo dizer 'bora Zé'. O meu *mister*, Manuel Fernandes, para sempre", escreveu o atual treinador do Fenerbahçe, que trabalhou com ele na formação do V. Setúbal mas também quando esteve ligado à prospeção na Ovarense – foi ainda adjunto dele em equipas técnicas do Estrela da Amadora e Sporting.

A generosidade era tão grande quanto a "bazófia", que era reconhecida pelos amigos e pelo próprio, mas nada exagerada para o quão grande ele foi. Para Fernando Mendes a antiga glória leonina foi "mais do que um pai", e Bruno Fernandes disse: "Obrigado por tudo aquilo que fez por mim e por todos os conselhos. Você e o seu legado nunca serão esquecidos."

Cristiano Ronaldo, Nuno Mendes, Rafael Leão e Gonçalo Inácio, jogadores formados no Sporting, lamentaram nas redes sociais a morte do "eterno capitão". Assim como o Presidente da República, que recordou os golos e desempenho que marcaram uma geração "e prestigiaram o futebol nacional". O primeiro-ministro, Luís Montenegro, elogiou o "atleta de excelência" e "amante do desporto", que o "impressionou sempre pelo seu *fair-play* e dimensão humana". Algo que o filho, Tiago, também destacou: "Perdi o melhor amigo."

isaura.almeida@dn.pt

LOBO PIMENTEL/DN

ARQUIVO DN

ARQUIVO DN

Idolatrado pelos sportinguistas, foi responsável por muitas alegrias dos adeptos, como a Taça de Portugal de 1982, que levantou como capitão... honra que também teve na seleção nacional. Com Bobby Robson, José Mourinho e Sousa Cintra no dia em que o inglês assumiu o comando do Sporting, em 1992, e foi convidado para adjunto.

MOMENTOS

HAT TRICK NA ESTREIA
A estreia pelo clube do coração aconteceu a 27 de agosto de 1975, num encontro particular com o Académico de Coimbra, que o Sporting venceu por 5-3, com um hat trick de Manuel Fernandes. Foi nesse dia que cumpriu a premonição da mãe, que morreu quando ele tinha 10 anos e lhe disse que ele iria ser jogador do Sporting, o clube de toda a família. Foi por isso que recusou jogar no FC Porto e no Benfica.

AQUELES 7-1 AO BENFICA
Histórico goleador do Sporting, ficará sempre na memória pelos quatro golos da vitória... por 7-1 sobre o Benfica, na 14.ª jornada da época de 1986-87, jogado a 14 de dezembro de 1986. "Não foi o meu melhor dérbi, o melhor foi quando fomos campeões, em 1979-80. Ganhámos 3-1 com dois golos do Jordão e um meu. Nesse é que eu estava mesmo endiabrado, mas o 7-1 é um marco eterno e daqui a 50 anos, quando eu estiver lá em baixo, ainda se vai falar deste jogo e do Manuel Fernandes", disse numa das muitas entrevistas. Nunca falhou nenhum dérbi para o campeonato, participando em 24, além de outros que jogou para a Supertaça, a Taça de Portugal e a Taça de Honra.

A BRAÇADEIRA
Quando chegou a Alvalade, em 1975, era ala direito, mas foi logo adaptado a avançado por Juca e a partir da época 1978-79, o técnico jugoslavo Milorad Pavic entregou-lhe a braçadeira, projetando-o para o legado de Eterno Capitão.

MAIOR DESGOSTO
Retirou-se dos relvados no Vit. Setúbal, em 1988 com mágoa de não se despedir no Sporting (ver texto) e de ter ficado fora da convocatória da seleção para o Mundial86 sem uma justificação... ele que tinha acabado de ser o melhor marcador do campeonato, com 30 golos e a correspondente Bola de Prata. Fez 31 jogos e marcou 9 golos pela seleção.

O MANEL TREINADOR
Iniciou o percurso de treinador em Setúbal no final da época de 1987-88. Orientou depois o Estrela da Amadora, Ovarense, Campomaiorense, Tirsense, Santa Clara, Sporting, Penafiel, ASA (Angola) e União de Leiria, encerrando a carreira de treinador em 2011... no Vitória de Setúbal. Subiu o Santa Clara à 1.ª divisão em 1998-99, feito que já tinha conseguido no Campomaiorense (1994-95) e que repetiu no Penafiel (2003-2004) e na União de Leiria (2008-2009).

Kevin Costner “Nunca fui um tipo de modas, gosto de coisas populares”

EXCLUSIVO Para a semana, acontecimento nas salas: *Horizon- Uma Saga Americana: Capítulo 1*, de e com Kevin Costner, que falou com o DN sem filtros. Uma lenda americana que confessa a sua teimosia num projeto em 4 capítulos.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM CANNES

ZOULERAH NORDDINE / AFP

Kevin Costner em Cannes.

No majestoso Carlton, agora renovado com luxos mais do que asiáticos, azáfama numa suíte gigante. Kevin Costner, está a chegar para a promoção de *Horizon- Uma Saga Americana*, presente no Festival de Cannes numa sessão fora-de-competição. Com ele há uma impressionante equipa a coordenar toda uma maratona de entrevistas, de agentes, assistentes a publicistas e amas-secas. Sente-se que há um aparato digno de estrela de cinema, coisa que no seu caso parece fazer sentido - Costner é ainda uma das últimas estrelas de Hollywood, uma espécie de herói americano clássico em extinção. E este projeto, *Horizon*, que terá mais capítulos, diz-lhe muito. É um épico cujo modelo desafia todas as regras do sistema americano: grande, ambicioso, caro e em capítulos. Uma aposta pessoal que lhe consumiu anos e anos.

Além de realizar, ele é também a estrela principal deste mosaico que narra a chegada de pioneiros às terras silvestres americanas. Um *western* com peso histórico e no qual ele é um dos *cowboys* nobres numa ação que percorre 15 anos entre o começo e o fim da Guerra Civil. São crónicas da fronteira sem esquecer o papel da mulher na expansão de um país e o flagelo dos índios a verem as suas terras invadidas.

E à nossa frente surge um muito elegante Kevin Costner, mais louro do que o habitual mas sem marcas do tempo. Está calmo e sem tiques de vedetismo, o seu sorriso parece ser uma confirmação de que está confiante que este capítulo 1 seja bem recebido, não só em Cannes mas globalmente: “demorei muito a voltar a realizar, eu sei! Mas acho sempre que há melhores pessoas do que eu para realizar, por isso dirigi poucos filmes ao longo da minha vida. Com este em particular tinha mesmo de ser eu, ninguém quis arriscar. É um projeto que decidi fazer logo em 1988, altura em que encomendei um argumento com esta história mas com uma dupla de protagonistas, bem diferente desta versão. Em 2003 consegui um estúdio que depois acabou por desistir porque eu exigi um orçamento com mais 5 milhões de dólares. Aí fui teimoso e disse não! Em 2009 não parava de pensar no projeto. Atraia-me a ideia de um *western* que não começasse já numa cidade existente, como na maioria dos casos. Quis mostrar o verdadeiro drama de edificar uma cidade naqueles tempos e o papel das mulheres no Oeste americano! Mas este é mesmo um projeto insano. Serão mais 3 filmes!! Percebo a lógica do sistema americano em nunca dar luz verde a uma coisa assim, mas acho que é preciso pensar de forma diferente. Eu sei que se não gostarem deste primeiro vai ser complicado. Mostrei o conceito a muita gente e não houve ninguém a dizer mal mas não compreendem porque têm de ser tantos capítulos. Respondo sempre que tem de ser assim porque a história só acaba no fim. Diziam-me sempre que ninguém pode fazer desta maneira… Foi aí que decidi que iria avançar de qualquer maneira. Acabei já o segundo e dentro de dias inicializo a rodagem do terceiro. Agora tenho de perceber como consigo arranjar mais dinheiro para o quarto””, começa por dizer.

> “Demorei muito a voltar a realizar, eu sei! Mas acho sempre que há melhores pessoas do que eu para realizar, por isso dirigi poucos filmes ao longo da minha vida”, explica Kevin Costner.

O peso do detalhe

Para Costner, *Horizon* é importante que seja visto como peça da História dos EUA, sobretudo porque acredita que os *westerns* americanos, no geral, falham nos detalhes históricos. Já em *Danças com Lobos* essa obsessão pelos pormenores fazia parte do esplendor. “Entendo bem o que é isso de ser americano e tudo passa pelo detalhe. Tenho uma visão global do mundo mas, antes de mais nada, sou americano”. Um dia depois deste encontro, Costner era surpreendido no Palais de Cannes com uma ovação monstruosa. Tão grande que as lágrimas nos seus olhos tornaram-se virais na net.

Mas será que acredita que há ainda público para filmes de *cowboys* profundos e de três horas? “Nunca fui um tipo de modas, gosto de coisas populares, mas não é cinema popular aquilo que quero fazer. O que quis é fazer um filme interessante. Quis também que *Horizon* tivesse sentido de humor - nada resulta sem humor, mas, ao mesmo tempo, é preciso

***Horizon*, filme "impossível", para ver com vagar.**

ter cuidado para não cair na anedota. Naquele tempo as pessoas brincavam umas com as outras, não temos de ter medo de ter piada. Nós agora não somos muito diferentes daquelas pessoas, mas aquele Oeste era um local muito imprevisível, uma espécie de jardim do paraíso. Há duzentos anos a América tinha uma incrível natureza selvagem, com pessoas a vestirem pele de animal e tudo… As pessoas viviam na natureza, enquanto aqui na Europa já tinham monumentos. A América era a fronteira final que ninguém tinha visto. Quem viajava para a América vindo da Europa encontrava um lugar novo, virgem. Calcula-se que naquela altura havia 90 milhões de búfalos, as caravanas tinham de parar 8 dias para deixar uma manada passar. Nós nem conseguimos parar num semáforo… E enquanto a civilização reinava na Europa, o Oeste americano fez-se à lei da bala! E tirámos a terra de cerca de 500 nações de indígenas, isso faz parte da nossa pele como americanos".

Em Cannes, *Horizon - Uma Saga Americana* foi recebido pela crítica de forma mista. Há quem goste muito, há também quem odeie e ainda quem sinta que é apenas mediano.

As referências

Em Cannes, *Horizon - Uma Saga Americana* foi recebido pela crítica de forma mista. Há quem goste muito, há também quem odeie e ainda quem sinta que é apenas mediano. Na América terá a Warner a distribuir e para Costner o importante é que não seja percecionado como série, é mesmo cinema e é o próprio quem confirma que meteu muito da sua fortuna: "não tive de dar cavaco a ninguém – o dinheiro investido é meu. Não quis ter de responder a ninguém, mas olhe que ouço. Quis criar uma atmosfera que desse à minha equipa a possibilidade de colaboração, de darem ideias. Também posso dizer que senti alguma responsabilidade perante alguns investidores que me ajudaram. Quero que eles tenham lucro com o êxito desta obra, embora o corte final seja todo meu. Decido tudo. Por exemplo, quis manter toda a cena do banho. Alguém me disse que não fazia falta, mas eu acho importante". Lá está, as questões dos detalhes…

Nas despedidas, quando se falou de referências, John Ford, George Stevens e Lawrence Kasdan foram referenciados. Kasdan que o dirigiu num dos *westerns* mais exuberantes do cinema contemporâneo, *Silverado*, de 1985.

Em agosto, o capítulo 2 chega aos nossos cinemas…

dnot@dn.pt

Abbey Lee, rosto de cinema.

Abbey Lee
A musa do *cowboy* tranquilo

ENTREVISTA A surpresa de *Horizon* é a presença da australiana Abbey Lee, uma verdadeira ladra de cenas. Ela é um espírito livre a tentar o bom *cowboy* de Costner. A atriz de *Mad Max - Estrada da Fúria* é uma presença marcante neste *western* que empodera as mulheres.

Como se sentiu quando foi escolhida por Kevin Costner para ser esta mulher tão sedutora e livre?

Quando recebi o telefonema, percebi que era um momento único na minha vida. Depois percebi que tinha esta escala, nem quis acreditar. Lembro-me que a primeira vez que me falou do projeto foi muito detalhado sobre a paisagem americana e sobre o coração da personagem. Quis que a minha personagem, mesmo durante toda aquela provação, tivesse um sentido de alegria e esperança. Ela é uma sobrevivente. Falou-me também muito de um sentido de família. Foi muito bonito trabalhar ao lado deste visionário. Que entusiasmo e paixão ele tem a filmar - isso depois espalha-se para os outros atores. Não o quis mesmo desapontar pois este era o projeto de sonho da sua vida. Além disso, fez-me sentir da sua família, é muito boa pessoa.

Muitos ficaram espantados por *Horizon* não ter sido um épico pensado para a televisão....

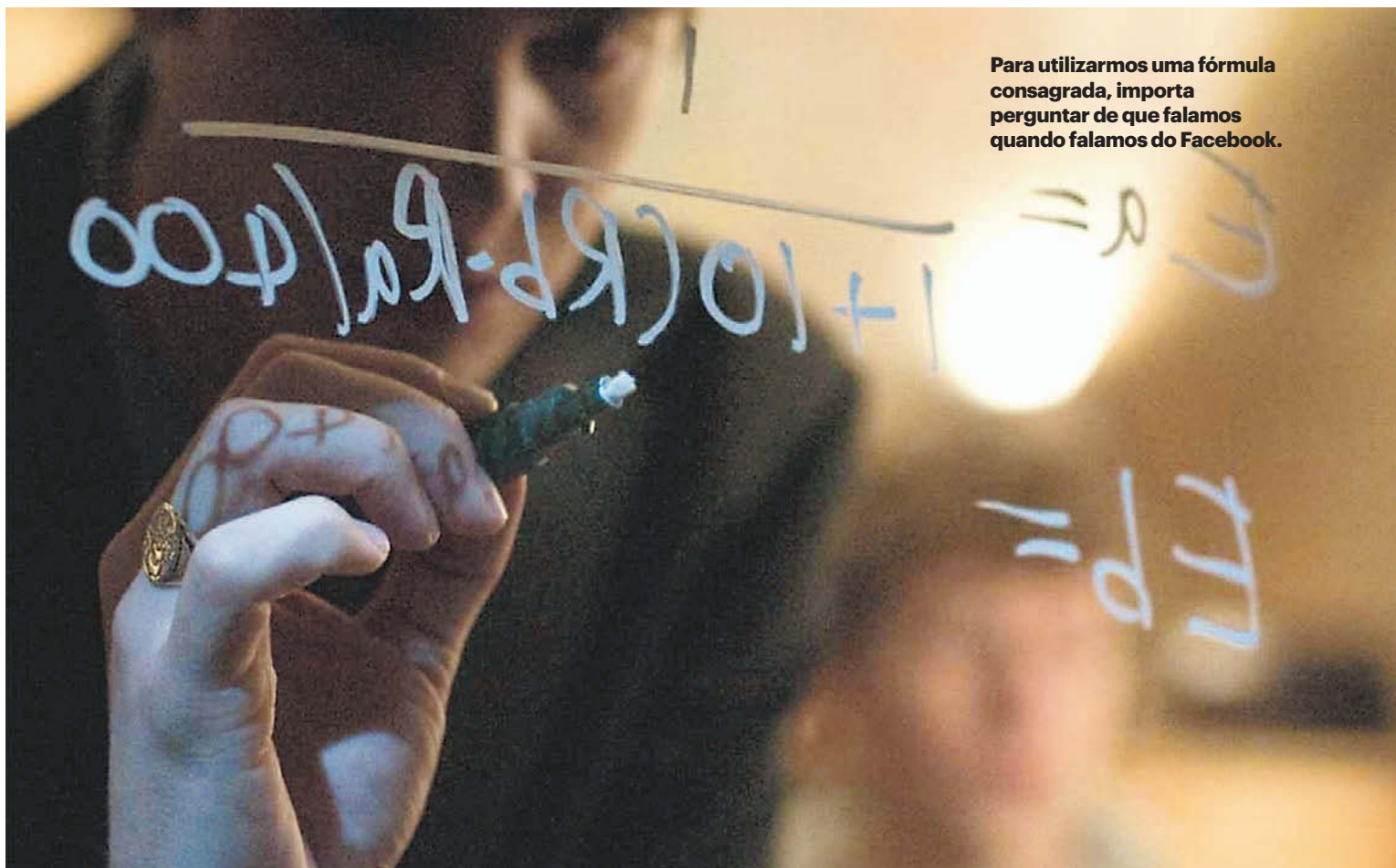
Seria tão mais fácil para ele se tivesse feito uma série. Para o Kevin era fundamental que isto fosse uma experiência cinematográfica. Não faz sentido irmos para o meio da natureza selvagem no Utah e depois não vermos o resultado num grande ecrã. Ele dedicou muito do seu tempo e esforço neste projeto… Tinha mesmo de ser para o cinema. Neste momento da sua carreira ele já merecia fazer um filme deste. E mandou às urtigas as regras. Aliás, aqui ele inventou as regras de como criar um colosso como este.

"Não faz sentido irmos para o meio da natureza selvagem no Utah e depois não vermos o resultado num grande ecrã. Ele dedicou muito do seu tempo e esforço neste projeto..."

Em grande parte das filmagens os atores ficaram a viver na natureza, sem os luxos da civilização moderna. Foi um processo libertador?

Eu adoro estar em contacto direto com a natureza, longe de tudo. Para mim apenas foi difícil estar sempre aquele espartilho tão apertado! Quando se usa um espartilho não há como disfarçar: tem de estar bem apertado, não há como dar folga. Ao mesmo tempo, montar o cavalo, representar com temperaturas muito frias. Enfim, foi bom para incorporar todas as dificuldades dos pioneiros. Foi uma bênção ter sobrevivido.

Para si que tipo de *western* este filme é?

Quando se pensa em *westerns*, pensamos em Kevin Costner. E, agora, depois do sucesso de *Yellowstone*, creio que todo o género foi revitalizado. E para ele o western é o seu grande amor. Que bom ele estar a lembrar-nos onde tudo começou. Que bom ele ajudar a manter o *western* vivo! **R.P.T.**

Para utilizarmos uma fórmula consagrada, importa perguntar de que falamos quando falamos do Facebook.

Os algoritmos são feitos por pessoas

LIVRO Frances Haugen passou da condição de empregada do Facebook para o estatuto de delatora das contradições e mentiras da empresa de Mark Zuckerberg. O seu livro *A Verdade sobre o Facebook* é um trabalho exemplar de investigação, com uma forte componente confessional.

TEXTO **JOÃO LOPES**

A publicação de um livro como *A Verdade sobre o Facebook*, de Frances Haugen (ed. Casa das Letras, tradução de Sofia Barrocas) vem lembrar-nos que a plataforma criada por Mark Zuckerberg está longe de ser um elemento transparente e pacífico nas nossas existências. O subtítulo da edição portuguesa – "Porque me tornei delatora e quis contar toda a verdade" – aí está para nos recordar que não faz sentido encarar o Facebook como um paraíso de comunicação e um arauto do humanismo. Para utilizarmos uma fórmula consagrada, importa perguntar de que falamos quando falamos do Facebook.

No seu site [franceshaugen.com], a autora apresenta-se como uma "defensora da responsabilização e da transparência nas redes sociais". De tal modo que isso a levou a protagonizar um processo de divulgação de dezenas de milhares de páginas, antes do mais no *Wall Street Journal*, expondo aquilo que a empresa em que trabalhava (o Facebook, precisamente, agora Meta) não queria que chegasse, não apenas ao conhecimento, mas também à consciência coletiva do público: "Se escondemos ou retemos intencionalmente às pessoas informação que poderia alterar as decisões que tomaram, estamos a exercer o nosso poder sobre elas. Trata-se de manipulação. Foi isto, precisamente, que vi o Facebook fazer repetidamente. Não apenas reter informação mas negar ativamente a verdade quando as pessoas levantam dúvidas."

EUA & Europa

Não seria simples, nem especialmente útil, tratar o livro de Frances Haugen como um mero relatório sobre os poderes dos algoritmos e, sobretudo, a aplicação específica desses poderes em estratégias de desinformação e manipulação dos cidadãos. Claro que o livro é sobre isso, mas é-o de uma maneira que está longe de se confundir com o esquematismo de um banal panfleto – os algoritmos não nascem de um destino fatal, quer dizer, são feitos por pessoas.

Em primeiro lugar, a autora propõe-se revisitar com infinitos detalhes a sua memória de empregada do Facebook e, mais tarde, as sessões enquanto delatora ("*whistleblower*", para usarmos a palavra inglesa que se internacionalizou), não apenas nos meios de comunicação, mas também em comissões do Senado dos EUA e na Europa, no Parlamento do Reino Unido e no Parlamento Europeu. Depois, fá-lo através de uma escrita que nunca enjeita uma forte componente confessional, seja evocando os seus problemas de saúde, seja dando conta de algumas relações privadas importantes na sua decisão de delação.

A Verdade sobre o Facebook é um livro com mais de 400 páginas, mas atrevo-me a sugerir que a sua "mensagem" – e, sobretudo, a sua inequívoca importância ética e política – está condensada numa breve frase escrita logo no capítulo de abertura: "Em última análise, o Facebook configurou uma cultura que não valoriza a responsabilidade individual."

Em tudo isto deparamos com uma significativa componente europeia. Frances Haugen é especialmente incisiva no modo como destaca a atenção das autoridades do Velho Continente aos problemas, não apenas tecnológicos, mas sobretudo sociais e políticos suscitados pelas formas menos transparentes de desenvolvimento do Facebook: "Os europeus perceberam que parte da razão pela qual o Facebook ficou tão fora de controlo teve que ver com o facto de nunca ter sido sujeito a supervisão." Não esquecendo que na origem de tal situação encontramos sempre as componentes económicas: "A empresa sabia que, se tivéssemos a nossa própria régua de medição, podíamos querer que a plataforma melhorasse de maneiras passíveis de ser medidas — maneiras que a obrigariam a investir em medidas de segurança, o que implicaria diminuir os lucros."

A VERDADE SOBRE O FACEBOOK
Frances Haugen
Casa das Letras
432 páginas

Uma falsa escolha

Em boa verdade, tudo isto está dito, ou melhor, filmado numa das obras-primas do cinema do século XXI: *A Rede Social* (2010), de David Fincher, cujo argumento, assinado por Aaron Sorkin ("oscarizado" pelo seu trabalho), se baseia num dos primeiros livros – *Milionários Acidentais*, de Ben Mezrich (ed. Lua de Papel, 2010) – a analisar o nascimento do Facebook.

O filme de Fincher é tanto mais esclarecedor em relação ao projeto de negócio inerente à gestação do Facebook quanto nos permite perceber que um dos fatores ideológicos fulcrais nessa gestação foi a promoção de uma noção "libertária", profundamente pueril, da comunicação sancionada pelas novas tecnologias.

Essa ideia, politicamente perversa, promove (e continua a promover) a ideia segundo a qual tentar ordenar os mecanismos e dispositivos de comunicação é, necessariamente, "censurar" – ideia que, aliás, todos os dias contamina um certo imaginário "juvenil", quer através de algumas formas televisivas, quer em muitas mensagens publicitárias. Também nesse aspeto, Frances Haugen é de uma precisão cristalina: "A principal vitória de relações públicas do Facebook na década passada foi enganar-nos para nos levar a acreditar numa falsa escolha forçada entre 'liberdade' e 'segurança', que teríamos de optar por preservar 'a liberdade de expressão' em detrimento da 'censura'."

Aliás, também neste aspeto, a autora está longe de alimentar qualquer maniqueísmo "vingativo". Reconhece mesmo, com evidente amargura, que a saga do Facebook não pode ser resumida como o triunfo de um caricato império do mal. O que está em jogo é diferente: a consciência dos limites de qualquer idealização da comunicação (e do seu aparato tecnológico) está presente, desde muito cedo, na história da empresa de Mark Zuckerberg. Frances Haugen remata a sua desmontagem da oposição simplista entre "liberdade" e "censura" com uma memória exemplar: "O Facebook convenceu-nos que essas eram as duas únicas opções, quando, de facto, a empresa tem milhares de páginas a documentar um mundo de alternativas."

Capa original de *Harry Potter* vendida por 1,77 milhões

ILUSTRAÇÃO Este é o objeto "mais valioso alguma vez vendido do Harry Potter em leilão", diz a casa Sotheby's.

A ilustração original, em aguarela, da primeira edição de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi vendida esta quarta-feira por cerca de 1,77 milhões de euros (1,9 milhões de dólares) através da casa de leilões Sotheby's.

A Sotheby's revelou que este é o "objeto do *Harry Potter* mais valioso alguma vez vendido em leilão". Esperava-se que esta obra, criada por Thomas Taylor, que tinha apenas 23 anos em 1997, fosse vendida por valores entre 373 mil e 559 mil euros (400 e 600 mil dólares). "A ilustração foi disputada por quatro pessoas por telefone e *online* durante quase dez minutos antes de ser vendida com vários aplausos."

Thomas Taylor trabalhava numa livraria infantil em Cambridge, Inglaterra, quando foi contratado pelo editor Barry Cunningham, da Bloomsbury, para pintar esta imagem para o livro de J. K. Rowling.

O artista foi uma das primeiras pessoas a ler o livro, obtendo uma cópia inicial do manuscrito, disse Kalika Sands, especialista em livros da Sotheby's.

Rowling e Thomas Taylor eram desconhecidos quando o livro foi lançado. Apenas 500 exemplares da primeira edição foram impressos e 300 deles foram enviados para bibliotecas, segundo a leiloeira. "É emocionante ver a pintura que marcou o início da minha carreira décadas depois a brilhar ", disse Taylor, atualmente ilustrador de livros. "Ao escrever e ilustrar as minhas próprias histórias hoje, tenho orgulho de olhar para trás e ver esses começos mágicos", explicou o artista. **DN/AFP**

ANGELA WEISS / AFP

A ilustração que fez parte da primeira edição do livro *Harry Potter e a Pedra Filosofal*.

Miguel Alves Marquês vence prémio de fotografia do Novo Banco

DISTINÇÃO O artista premiado vai inaugurar um novo projeto no Museu de Serralves, no Porto, a 18 de julho.

A artista português Miguel Alves Marquês venceu o Prémio de Fotografia Contemporânea Novo Bnco Revelação, anunciou ontem a Fundação de Serralves e aquela instituição bancária, retomando uma iniciativa interrompida pela pandemia. Este prémio de fotografia contemporânea foi criado em 2005, para "incentivar a produção e criação artística de jovens talentos". Na 16.ª edição, o prémio é atribuído a Miguel Alves Marquês (Braga, 1996), formado em Fotografia e Arquitetura e que trabalha atualmente em Lisboa. Por ter sido premiado, o artista irá apresentar um projeto inédito a inaugurar a 18 de julho no Museu de Serralves, no Porto, e terá também a edição de uma publicação monográfica. Depois de um interregno provocado pela pandemia de covid-19, o prémio é retomado este ano "com um novo formato, tendo em vista a internacionalização e a melhor adequação às tendências recentes deste tipo de prémios", refere o Novo Banco. "Esta paragem permitiu repensar o formato do prémio, introduzindo mudanças que contribuem para a sua internacionalização e melhor adequação à nossa realidade", justificou a Fundação de Serralves. **DN/LUSA**

A obra de Vhils, um cartaz publicitário esculpido à mão, pode ser adquirida por 36.900 euros.

FOTOS D.R.

Aqui o vinho convive com a cultura

DOURO Obras de Vhils, AkaCorleone, Pedrita Studio, PichiAvo, Raquel Belli e Vasco Maio misturam-se com barricas de madeira e cubas de cimento na antiga destilaria que a Quanta Terra transformou em espaço multicultural. Mais um passo no "fazer diferente" que é a aposta desta produtora de vinho.

TEXTO **SOFIA FONSECA**

Há 25 anos, quando nasceu, a Quanta Terra queria marcar a diferença, e agora, na passagem desse aniversário, a produtora de vinhos do Douro comemora com uma exposição, que inclui uma obra de Vhils, e projeta a construção de uma adega em Favaios, no concelho de Alijó.

"A nossa tarefa não é fácil, porque somos homens de vinhos e não de arte", admitem os enólogos Celso Pereira e Jorge Alves, que em 1999 criaram a Quanta Terra e que há dois anos adquiriram uma destilaria da Casa do Douro, em Favaios, para construir uma adega, mas acabaram por lá fazer nascer um espaço multicultural onde promovem exposições, concertos, provas e fazem o envelhecimento de vinhos. "É uma pequena empresa que quer contribuir para o acesso equitativo à arte e à democratização do espetáculo", dizem, realçando que querem ser "um cartão de visita da qualidade do interior, das zonas demograficamente deprimidas".

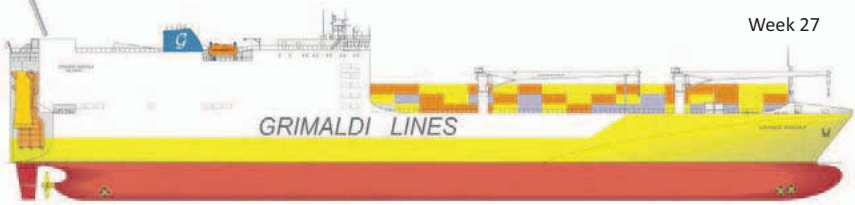
O espaço foi considerado um dos 11 melhores projetos de enoturismo a nível mundial, na categoria de arte e cultura, no âmbito dos prémios Best of Wine Tourism 2023. E ontem, além de uma conferência sobre "Vinho e Cultura: Estratégias para Valorização do Interior", inaugurou-se ali a exposição *Técnica Ancestral*, da plataforma cultural Underdogs, com 12 obras, uma das quais assinada por Vhils (Alexandre Farto). Tal como os restantes trabalhos que deram fama ao artista, este representa um rosto, mas a parede que lhe serve de suporte é feita com uma sobreposição de cartazes.

Depois de Joana Vasconcelos, protagonista na inauguração do espaço, e da artista plástica holandesa Leni van Lopik, a nova mostra conta ainda com obras de AkaCorleone (Pedro Campiche), Pedrita Studio, PichiAvo, Raquel Belli e Vasco Maio. As peças, com preços que variam entre os 1750 e os 36.900 euros, estão espalhadas pela antiga destilaria, onde ainda se pode ver e entrar nas cubas de cimento em que era rececionado o vinho, numa harmonia perfeita entre a arte e a viticultura, e podem ser vistas de quarta-feira a domingo, entre as 10h00 e as 17h30, até 15 de dezembro, numa visita que inclui uma prova de vinhos.

"Tal como a produção de vinhos, a manifestação artística dos seres humanos também está presente desde os primórdios da sua existência. Nesta exposição selecionámos obras e artistas que referenciam o passado tanto na técnica como no conteúdo das obras. Eles revisitam essas referências e contextualizam-nas no mundo atual", descreve em comunicado a Underdogs Gallery, curadora da exposição.

Trabalhar com os produtores locais

Os 25 anos da Quanta Terra celebram "a valorização do interior e a ligação do vinho à cultura como fator diferenciador neste caminho" e apontam para o futuro, nomeadamente para a construção de uma nova adega num terreno próximo, que já tem projeto aprovado e um investimento previsto de cerca de 200 mil euros. "Contudo, vamos continuar a privilegiar o trabalho de seleção de uvas, o trabalho que nós temos há mais de 25 anos com os mesmos lavradores", sublinhou à Lusa Celso Pereira.

A Quanta Terra não tem vinha própria e trabalha com 25 produtores do planalto de Favaios e do vale do Tua, com os quais o enólogo garante ter uma relação muito próxima. "E que faz com que nós possamos construir e lançar para o mercado produtos com muita qualidade e inovadores", disse, dando como exemplo o lançamento, nos últimos cinco anos, de um vinho *rosé* feito com a casta Pinot Noir plantada no planalto ou um vinho branco com seis anos de estágio em barrica. "Temos vindo sempre a inovar, preservando a nossa identidade", anunciando para este ano o lançamento de duas colheitas especiais, um branco de 2007, que esteve em barrica até ao engarrafamento, em 2024, e um espumante da casta Pinot Noir.

Os trabalhos de Pedrita Studio, AkaCorleone, Raquel Belli e Vasco Maio.

necrologia

JESUÍNA CASTANHEIRA PAIVA MARQUÊS

FALECEU

Sua filha, genro, netos e restante família participam o falecimento do seu ente querido, cujo funeral se realiza hoje, pelas 15h15, da igreja do Beato para o cemitério dos Olivais.

Trata: Funerária Arroios, Lda.
Tel.: 218 137 162

ORDEM DOS CONTABILISTAS CERTIFICADOS

Publicação dos resultados das Eleição dos Órgãos Sociais da Ordem dos Contabilistas Certificados para o quadriénio de 2025 a 2028.

Aos vinte e dois dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro, nos termos da convocatória do Presidente da Mesa da Assembleia Geral Eleitoral, teve lugar a Assembleia Geral Eleitoral da Ordem dos Contabilistas Certificados para a eleição dos órgãos sociais da Ordem dos Contabilistas Certificados.

Os resultados finais por órgão foram os seguintes:

A) Assembleia Representativa:

Círculo Eleitoral dos Açores
(a) Votos na lista A: 307;
(b) Votos brancos e nulos: 11.

Círculo Eleitoral de Aveiro
(a) Votos na lista A: 1350;
(b) Votos brancos e nulos: 42.

Círculo Eleitoral de Beja
(a) Votos na lista A: 136;
(b) Votos brancos e nulos: 5.

Círculo Eleitoral de Braga
(a) Votos na lista A: 1658;
(b) Votos brancos e nulos: 46.

Círculo Eleitoral de Bragança
(a) Votos na lista A: 211;
(b) Votos brancos e nulos: 8.

Círculo Eleitoral de Castelo Branco
(a) Votos na lista A: 305;
(b) Votos brancos e nulos: 10.

Círculo Eleitoral de Coimbra
(a) Votos na lista A: 686;
(b) Votos brancos e nulos: 29.

Círculo Eleitoral de Évora
(a) Votos na lista A: 198;
(b) Votos brancos e nulos: 8.

Círculo Eleitoral de Faro
(a) Votos na lista A: 711;
(b) Votos brancos e nulos: 7.

Círculo Eleitoral da Guarda
(a) Votos na lista A: 189;
(b) Votos brancos e nulos: 10.

Círculo Eleitoral de Leiria
(a) Votos na lista A: 914;
(b) Votos brancos e nulos: 43.

Círculo Eleitoral de Lisboa e Estrangeiro
(a) Votos na lista A: 3520;
(b) Votos brancos e nulos: 113.

Círculo Eleitoral da Madeira
(a) Votos na lista A: 294;
(b) Votos brancos e nulos: 10.

Círculo Eleitoral de Portalegre
(a) Votos na lista A: 182;
(b) Votos brancos e nulos: 4.

Círculo Eleitoral do Porto
(a) Votos na lista A: 3071;
(b) Votos brancos e nulos: 79.

Círculo Eleitoral de Santarém
(a) Votos na lista A: 564;
(b) Votos brancos e nulos: 21.

Círculo Eleitoral de Setúbal
(a) Votos na lista A: 1103;
(b) Votos brancos e nulos: 18.

Círculo Eleitoral de Viana do Castelo
(a) Votos na lista A: 354;
(b) Votos brancos e nulos: 13.

Círculo Eleitoral de Vila Real
(a) Votos na lista A: 258;
(b) Votos brancos e nulos: 13.

Círculo Eleitoral de Viseu
(a) Votos na lista A: 520;
(b) Votos brancos e nulos: 17.

B) Bastonário
(a) Votos na lista A: 16578 (97,3 %);
(b) Votos brancos e nulos: 461.

C) Conselho de Supervisão
(a) Votos na lista A: 16489 (96,8 %);
(b) Votos brancos e nulos: 549.

D) Conselho Jurisdicional
(a) Votos na lista A: 16522 (97,0 %);
(b) Votos brancos e nulos: 516.

E) Conselho Fiscal
(a) Votos na lista A: 16520 (97,0 %);
(b) Votos brancos e nulos: 518.

Assim, a Assembleia Representativa ficou integrada pelos seguintes membros:

Lista A

Assembleia Representativa:

Círculo Eleitoral — Açores
1.º Representante: Emanuel Norberto Lourenço Silveira Cordeiro (C.C. 12 255);
2.º Representante: Isabel Maria Borges Freitas (C.C. 4 961).

Círculo Eleitoral — Aveiro
1.º Representante: João Luis Morcela Rodrigues dos Reis (C.C. 33 583);
2.º Representante: Arabela Regina Monteiro de Miranda Vilela (C.C. 72 718);
3.º Representante: Pedro Nuno Bastos Lima (C.C. 43 050).
4.º Representante: Susana Maria da Costa Neves (C.C. 7 975);
5.º Representante: Edite Laura Mota de Barros Pereira (C.C. 6 164);
6.º Representante: Ricardo Daniel da Silva Melo (C.C. 90 239).

Círculo Eleitoral — Beja
1.º Representante: Luís Miguel de Carvalho Medeiros (C.C. 87 684);
2.º Representante: Maria Ana Mourão Sargento (C.C. 26 301).

Círculo Eleitoral — Braga
1.º Representante: José Soares Roriz (C.C. 25 291);
2.º Representante: Anabela de Jesus Meireles Teixeira Guimarães (C.C. 40 240);
3.º Representante: Manuel Cruz Gonçalves (C.C. 29 982);
4.º Representante: Ana Paula Coelho Duarte (C.C. 71 156);
5.º Representante: Horácio Manuel de Oliveira Lopes Ferreira (C.C. 3 862);
6.º Representante: Osvaldo Carlos de Sousa Neves (C.C. 26 277).

Círculo Eleitoral — Bragança
1.º Representante: Aníbal José de Sousa (C.C. 46 249);
2.º Representante: Maria João Gonçalves Rodrigues (C.C. 48 362).

Círculo Eleitoral — Castelo Branco
1.º Representante: António Mendes Pinto (C.C. 1 918);
2.º Representante: Maria Helena Fernandes Lopes (C.C. 30 763).

Círculo Eleitoral — Coimbra
1.º Representante: Sílvio Carvalho Vilão (C.C. 3 063);
2.º Representante: Cristina Sofia Batanete Frade Freire (C.C. 30 734);
3.º Representante: Álvaro Jorge Estevão Simões Lopes (C.C. 87 064).

Círculo Eleitoral — Évora
1.º Representante: António Manuel dos Santos Nabo (C.C. 9 593);
2.º Representante: Ana Margarida Mochila Melro Barreto (C.C. 81 998).

Círculo Eleitoral — Faro
1.º Representante: José Alberto de Brito Pereira (C.C. 30 768);
2.º Representante: Lizabete Maria Correia de Sousa Sequeira (C.C. 6 625);
3.º Representante: Carlos Manuel Pera Nunes (C.C. 21 009).

Círculo Eleitoral — Guarda
1.º Representante: Rosa Maria da Silva Dias (C.C. 67 848);
2.º Representante: Amancio Fernandes Antunes (C.C. 2 857).

Círculo Eleitoral — Leiria
1.º Representante: António Cerejo Moreira Caseiro (C.C. 280);
2.º Representante: Rita das Neves Marques (C.C. 87 496);
3.º Representante: Leonel Mendes Francisco (C.C. 43 686);
4.º Representante: Sofia Mónica Bernardes Sabino (C.C. 76 808).

Círculo Eleitoral — Lisboa e estrangeiro
1.º Representante: Carlos José Castro Alexandre (C.C. 23 223);
2.º Representante: Ana Filipa Coelho Xavier de Basto (C.C. 61 810);
3.º Representante: Pedro Miguel Baptista Pinheiro (C.C. 70 117);
4.º Representante: Dulce Cristina Ribeiro Pereira (C.C. 55 531);
5.º Representante: Rui Manuel Machado Ferreira (C.C. 3 146);
6.º Representante: Lídia Isabel Ferreira Vieira (C.C. 9 320);
7.º Representante: António de Jesus Nunes (C.C. 18 487);
8.º Representante: Mónica Sofia Duarte Marçal (C.C. 82470);
9.º Representante: Daniel Pedro de Matos Albuquerque (C.C. 2 403);
10.º Representante: Laura Maria de Oliveira Santos de Vergueiro Lopes (C.C. 2 841);
11.º Representante: Maria Paula Nunes Passos Pinto de Magalhães Mendes (C.C. 5 745);
12.º Representante: César Henrique Duarte Brito (C.C. 93 882);
13.º Representante: Maria Diotilde Jesus Mateus Videira de Araújo (C.C. 30 499);
14.º Representante: Flávia Margarida Oliveira dos Santos (C.C. 93 978);
15.º Representante: Nelson Alexandre Ferreira (C.C. 27 265);
16.º Representante: Ana Paula de Assunção de Matos Borlido Martins (C.C. 91 027);
17.º Representante: Renata Filipa Faustino Garcia (C.C. 95 280);
18.º Representante: Christophe Miguel Primor Pedreira (C.C. 91 244).

Círculo Eleitoral — Madeira
1.º Representante: João Manuel dos Ramos (C.C. 45 995);
2.º Representante: Ana Margarida Brazão Escórcio (C.C. 91 923).

Círculo Eleitoral — Portalegre
1.º Representante: Maria do Carmo Alves dos Santos Pão Alvo (C.C. 17 901);
2.º Representante: Nuno Miguel da Costa Tavares (C.C. 62 777).

Círculo Eleitoral — Porto
1.º Representante: Bruno Alexandre da Rocha Silva (C.C. 45 514);
2.º Representante: Isabel Margarida de Faria Alves Ramalho (C.C. 52 284);
3.º Representante: Mário Paulo Baptista Cabêda (C.C. 477);
4.º Representante: Fernanda Ferreira Miranda de Freitas (C.C. 48 773);
5.º Representante: António Jorge Gomes de Azevedo (C.C. 5 130);
6.º Representante: Júlia Paula da Silva Jardim Martins (C.C. 6 952);
7.º Representante: Rui Marcelo Lima de Oliveira Santos (C.C. 87 538);
8.º Representante: Sara Manuela Miranda Pinto Cruz (C.C. 45 456);
9.º Representante: Armando Jorge de Barros e Silva Machado (C.C. 35 374);
10.º Representante: Patrícia Daniela Rodrigues Dias Esteves (C.C. 88 642);
11.º Representante: Ricardo João Lopes Matias (C.C. 86 134);
12.º Representante: Isabel Vieira Gonçalves Fernandes (C.C. 87 455);
13.º Representante: João Manuel Marques Lucas (C.C. 97 683).

Círculo Eleitoral — Santarém
1.º Representante: Manuel Joaquim Borralho Ramalho (C.C. 15 504);
2.º Representante: Ana Margarida Rodrigues Silvestre (C.C. 85 897);
3.º Representante: Stéphane José Silvério Carreira Rodrigues (C.C. 94 205).

Círculo Eleitoral — Setúbal
1.º Representante: Carlos Augusto Cordeiro de Sousa (C.C. 90 047);
2.º Representante: Ana Margarida Ferreira Traquino (C.C. 12 777);
3.º Representante: João Pedro Silva Guerreiro Estaço (C.C. 52 105);
4.º Representante: Elina Alexandra Sabina Costa Pereira (C.C. 86 188);
5.º Representante: Ricardo Jorge Silva Soares (C.C. 90 328);
6.º Representante: Sílvia Maria da Silva Moço Loureiro (C.C. 85 536).

Círculo Eleitoral — Viana do Castelo
1.º Representante: Maria Deolinda Rufino Viana Correia (C.C. 74 023);
2.º Representante: Secundino Manuel Miranda Cantinho (C.C. 14 911).

Círculo Eleitoral — Vila Real
1.º Representante: Maria João Pinto Borges (C.C. 64 773);
2.º Representante: Carlos Alberto Gonçalves dos Santos (C.C. 7 061).

Círculo Eleitoral — Viseu
1.º Representante: Maria de Lurdes Rebelo Marques (C.C. 17 445);
2.º Representante: João Carlos Simões Figueiral (C.C. 61 756).

Bastonário
O Bastonário eleito é composto pelo seguinte membro:
Bastonário: Paula Maria Pires de Oliveira e Silva Laia Franco (C.C. 52 276).

Conselho de Supervisão
O conselho de supervisão eleito é composto pelos seguintes membros:
1.º Vogal C.C.: Luís Filipe Rui de Oliveira Caetano (C.C. 75 435);
2.º Vogal C.C.: Ângela Maria Rocha e Silva (C.C. n.º 64 570);
1.º Vogal não C.C.: Abílio José da Costa Sousa;
2.º Vogal não C.C.: Clotilde Paulina da Silva Celorico Palma;
Suplente C.C.: João António da Guia Jacinto (C.C. 90 557);
Suplente não C.C.: Fernanda Maria Duarte Nogueira.

Conselho Jurisdicional
O conselho jurisdicional eleito é composto pelos seguintes membros:
Presidente: Eugénio Lourenço da Silva Faca (C.C. 38 085);
1.º Vogal C.C.: Rita Gonçalves Cordeiro (C.C. n.º 53 227);
2.º Vogal C.C.: Bruna Catarina Pinto Araújo (C.C. n.º 94 644);
1.º Vogal não C.C.: Gonçalo André Mendes Labronço;
2.º Vogal não C.C.: Paula Cristina Mateus Barata;
Suplente C.C.: Rui Jorge da Silva Costa (C.C. n.º 8 367);
Suplente não C.C.: João Nuno Zenha Martins.

Conselho Fiscal
O conselho fiscal eleito é composto pelos seguintes membros:
Presidente: Sérgio Leonel Pinto da Costa Pontes (C.C. 50 345);
Vogal: Raquel Vandra da Mota Pinto (C.C. 37 684);
ROC: José António Marques Pereira (C.C. 55 095);
1.º Suplente: Carlos Alexandre Quelhas Martins (C.C 35 981);
2.º Suplente: Paula Alexandra Flores Noía da Silveira (C.C. 50 832).

22 de junho de 2024.
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral Eleitoral,
Carlos José Castro Alexandre.

Ano 60.º — N.º 20.993

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS JORNAIS PORTUGUESES

Domingo, 29 de junho de 1924

Diario de Noticias

Fundadores: EDUARDO COELHO e CONDE DE S. MARÇAL

TRABALHEMOS PELAS MISERICORDIAS!

O "COMPROMISSO" CODIGO SUBLIME DE CARIDADE

ANDA COISA NO AR...

A CRISE POLITICA

Sensacionais e patrioticas declarações DO SR. ANTONIO MARIA DA SILVA

O FIM DE UM CONFLITO

O MOVIMENTO MILITAR DA AMADORA

O POVO ACLAMA-OS EM FRENTE DO AERO-CLUBE

BOMBEIROS VOLUNTARIOS de Campo de Ourique

MARINHA DE GUERRA

O CRUZADOR "TORDENSKJOLD"

Entrou ontem no nosso porto este navio-escola da marinha de guerra norueguesa

Teixeira Lopes

OS PASSES DOS ELECTRICOS

UMA SAUDAÇÃO

O DN DE HÁ CEM ANOS

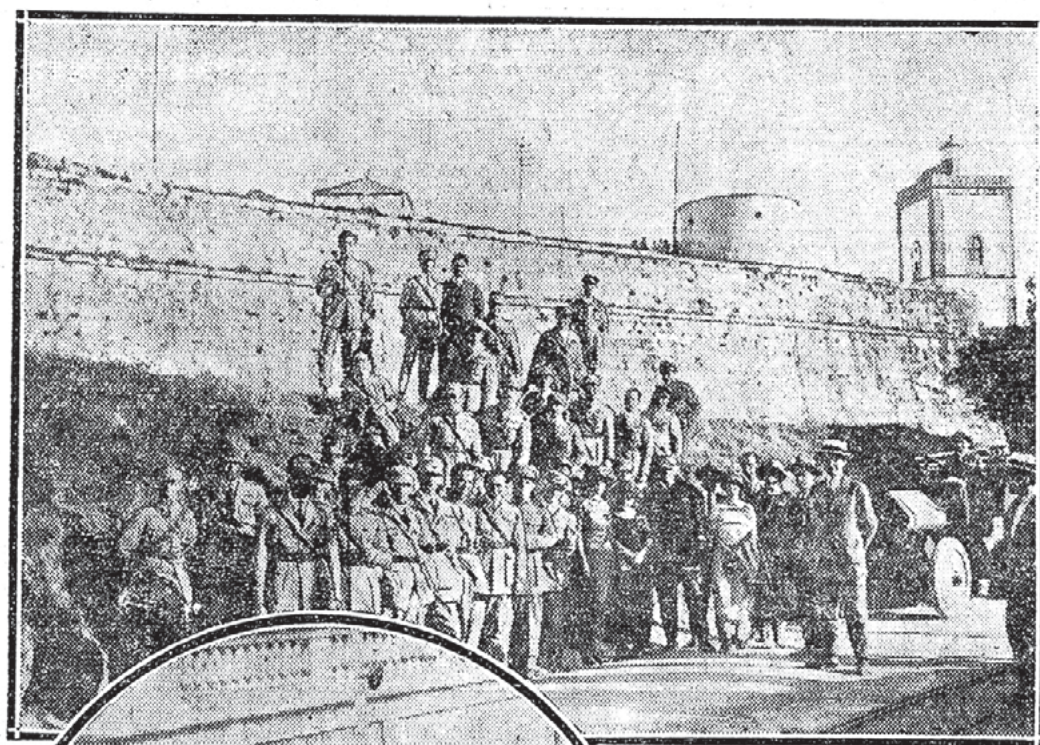
AS NOTÍCIAS DE 29 DE JUNHO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

O FIM DE UM CONFLITO

O MOVIMENTO MILITAR DA AMADORA

Em cumprimento da amnistia, foram ontem restituidos á liberdade os aviadores presos em S. Julião da Barra

O POVO ACLAMA-OS EM FRENTE DO AERO-CLUBE

Os oficiais dentro do Forte, momentos antes da saida
A recepção no Aero-Clube
Os aviadores saindo da fortaleza

Em virtude da amnistia concedida pelo Parlamento aos aviadores presos em S. Julião da Barra, foram estes restituidos ontem á liberdade.

A's 3 horas e 30 minutos da tarde o Aero-Clube recebeu a noticia, começando pouco depois a afluir ali numerosas pessoas para se inteirarem da confirmação do facto que áquela hora era já do dominio publico.

A's 4 e meia foi recebida telefonicamente naquele clube a noticia de que o sr. Presidente da Republica acabava de assinar o respectivo diploma, que seguiu imediatamente para o ministerio da Guerra, sendo depois enviado para o Quartel General da 1.ª divisão do exercito, donde o comunicaram ao Campo Entrincheirado, para os devidos efeitos.

Da Presidencia da Republica telefonaram tambem, ás 5 horas, para o Aero-Clube dizendo que havia sido dada a ordem de libertação para S. Julião da Barra.

A noticia, apesar de ser esperada a todo o momento pelas pessoas que ali se encontravam, foi recebida com indescritivel alegria.

A caminho da Torre de S. Julião

A's 5,30 da tarde sairam do Aero Clube cinco automoveis e uma «camionette», da G. N. R., para S. Julião da Barra, a fim de irem buscar os oficiais libertos. Num dos automoveis seguiam o pai de Brito Pais, o tenente Paixão e alguns amigos dos aviadores.

Junto ás cancelas de Oeiras estava postada, desde a vespera uma força de 29 praças de baioneta calada, sob o comando de dois sargentos, que só permitia a passagem de senhoras e crianças na estrada que liga com o forte de S. Julião. Aos automoveis e carros era permitida a passagem desde que só levassem a pessoa que os guiava.

Os oficiais ás 6,30 horas sairam do forte, conservando-se junto do portão até ás 7,30, hora a que chegaram os automoveis.

Os oficiais tomaram lugar nos respectivos carros, depois de abraçarem algumas pessoas amigas que os aguardavam.

Tambem ali compareceu o sargento ajudante Santos, da esquadrilha da Amadora.

Alguns aviadores falam ao "Diario de Noticias"

Quando o major sr. Aragão subia para o automovel, perguntámos-lhe:

— Está satisfeito com a amnistia?

— Tanto eu como os meus colegas nunca a desejámos.

— E sobre as transferencias?

— Causou a maior surpresa, entre os oficiais da 5.ª arma, o facto de terem sido transferidos tão apressadamente, sem que, ao menos, lhes dessem tempo para arranjar as malas.

O aviador sr. Luís Almeida e Cunha, tomou lugar numa «camionette», um tanto apreensivo.

— Nunca senti tanta tristeza nos dias da minha vida, — disse — como no momento em que saí «aqueles» portais.

O capitão sr. Ribeiro da Fonseca:

— Ha probabilidade dos aviadores não seguirem para as terras para onde foram transferidos?

— Atendendo a que já não é ministro da Guerra o sr. Americo Olavo...

E outro, que ia no mesmo carro, interrompeu:

— Com estas transferencias, gastará o Estado, inutilmente, cem contos!

Os automoveis seguem para o Aero Clube

Os automoveis, em numero de 10, seguem atrás uns dos outros em direcção ao Aero Clube, com o seguinte itenerario: Dafundo, Belem, Alcantara, Pampulha, Santos, Rua 24 de Julho, Rua do Arsenal, Terreiro do Paço, Rua do Ouro, Rua Nova do Carmo, Rua Garrett, e Rua do Loreto.

Os aviadores foram alvos de calorosas manifestações do publico, vendo-se ás janelas dos predios muitas senhoras que lhes acenavam com os lenços.

Em frente do Aero Clube, a multidão que ali se encontrava aguardando a sua chegada, acolheu-os com uma estrondosa salva de palmas. Os aviadores foram recebidos pelo sr. comandante Cerqueira e por senhoras que abriram alas á sua passagem, ouvindo-se muitos vivas.

Na sala do Aero Clube foi-lhes oferecida uma taça de Champanhe, saudando os recem-vindos o comandante sr. Afonso Cerqueira a quem respondeu, em nome dos seus camaradas, o sr. major Aragão.

O sr. capitão Moura falou por fim, para saudar a imprensa.

Os aviadores apresentam-se no quartel General da 1.ª Divisão

A's 9,20 horas da noite os aviadores dirigiram-se ao quartel General da 1.ª Divisão do Exercito, sendo alvo de novas manifestações á saida do Aero Clube.

Como o comandante da 1.ª Divisão, general sr. Bernardo Faria, tivesse saido momentos antes dos aviadores ali chegarem, estes resolveram apresentar-se ali ámanhã, ás 2,30 da tarde. Em seguida dirigiram-se para o Clube Mayer, onde se reuniram num jantar de confraternização.

A transferencia dos aviadores

As transferencias determinadas para os oficiais constam da seguinte nota:

Capitães: Pinheiro Correia Beja, Carlos Cunha e Almeida e tenentes Brito, Mendonça, Melo, «para infantaria 10 e 30, em Bragança»; Santos Leite, Luís da Cunha e Almeida, Sousa Larcher, Avila e Montenegro; «para infantaria 34, em Pinhel»; major Cifka, Duarte e tenente Sergio da Silva, «para cavalaria 10, em Vila Viçosa»; capitão Ribeiro da Fonseca, «para cavalaria 1, em Elvas»; tenente Vicente Paulo Aragão, «para cavalaria 11, em Braga»; capitão Craveiro Lopes, Herculano Cunha e Thedim de Sousa, «para cavalaria 4, em Alcobaça»; tenente Arantes Pedroso, Felgueiras e Sousa e Gonzaga Pinto, «para artilharia 1, em Evora»; tenente Rodrigues Alves, «para obuzes de campanha, em Castelo Branco»; capitão Salgueiro Valente e capitão José Cabrita, respectivamente, «para cavalaria 7 e 8, em Aveiro e Nelas»; capitão Castro e Silva, «para o batalhão de pontoneiros em Tancos»; tenente Jorge de Avila, «para infantaria 20, em Guimarães».

Ao major Aragão ainda não foi indicado o local para onde será transferido.

Um agradecimento dos aviadores ao «Diario de Noticias»

Do sr. major Cifka Duarte recebemos a seguinte carta:

Senhor director—Desejo agradecer-lhe o interesse e a maneira independente como o «Diario de Noticias» se tem ocupado do chamado caso da aviação.

Todos os aviadores me acompanham, desejando ao «Diario» as maiores prosperidades.— Um aperto de mão do seu amigo e obg.

Cifka Duarte

O coronel sr. Morais Sarmento, director da Aeronautica Militar, que ontem partiu para Mafra em serviço oficial, foi substituido, interinamente nas suas funções, pelo major de artelharia sr. Acacio Pinto e não pelo major sr. Alvaro Teles de Azevedo.

Um hidro-avião timonado pelo comandante Sacadura Cabral pairou sobre a Torre de S. Julião da Barra, largando um pombo correio com uma saudação aos aviadores.

MARINHA DE GUERRA

O CRUZADOR "TORDENSKJOLD"

Entrou ontem no nosso porto este navio-escola da marinha de guerra norueguesa

SORTEIO: 052/2024
CHAVE: 10-16-18-22-35 + 1-10

SORTEIO: 026/2024
1.º PRÉMIO: BRB 36376

NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Excedente de 780 milhões passa a défice de 2,6 mil milhões

ORÇAMENTO Saldo orçamental nos primeiros cinco meses reflete a descida da receita fiscal, sobretudo do IRC, e a subida da despesa com pensões e salários.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

Um ano depois, o saldo das contas públicas medido em contabilidade de caixa (lógica de tesouraria, das verbas que efetivamente entram e saem do erário público) passou de um excedente de 780 milhões de euros nos primeiros cinco meses de 2023 para um défice de 2550 milhões apurado no mesmo período deste ano, indica a execução orçamental das Finanças (DGO – Direção-Geral do Orçamento) relativa a maio de 2024, publicada ontem.

"As Administrações Públicas apresentaram, até maio de 2024, um défice de 2553,2 milhões de euros", o que, face ao mesmo período do ano passado, mas ajustando do efeito da migração do Fundo de Pensões do Pessoal da Caixa Geral de Depósitos (FPCGD) para a Caixa Geral de Aposentações (Estado), que empolou a receita do início de 2023 em mais de 3018 milhões de euros, o saldo orçamental baixou na mesma e transformou-se num défice, algo que já vem a acontecer desde março.

A redução do saldo público reflete, em parte, uma diminuição da receita fiscal, que caiu 0,5% no período em causa, arrastada pela quebra de quase 4% ao nível dos impostos diretos. Razão? Uma benesse a algumas empresas em sede de IRC e IVA, por exemplo. A coleta de IRC afundou mais de 46%, à boleia do alívio desta carga fiscal sob o chapéu do chamado regime de impostos diferidos. "Na quebra da receita fiscal das Administrações Públicas destaca-se o IRC (-46,3%) e o IVA (-1,4%), atenuados pelo incremento da receita do IRS (6,2%) e do ISP (19,3%)", calcula a DGO.

Do lado da despesa, o aumento de pensões e de salários públicos também ajuda a explicar, em parte, o declínio do saldo público neste arranque de ano. "No acréscimo das transferências (18,3%) destacaram-se os encargos com pensões, no regime geral da Segurança Social e no regime de proteção social convergente da Caixa Geral de Aposentações, refletindo a atualização no valor das pensões", diz a DGO.

Outro aumento de gastos relevante aconteceu "nas prestações sociais a cargo da Segurança Social e nas transferências relativas às medidas de mitigação do impacto geopolítico e da inflação, em especial a compensação relativa à contenção dos preços das tarifas de eletricidade".

As Finanças destacam ainda o efeito do "crescimento das despesas com pessoal (7,4%)", que "evidencia o impacto das medidas de atualização remuneratória dos trabalhadores em funções públicas, com efeito desde o início do ano, e da medida especial de aceleração das carreiras na Administração Pública".

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

Lisboa vai ter 15 novos elétricos articulados

O governo lançou o aviso para o financiamento da aquisição de 15 elétricos articulados para a cidade de Lisboa, no âmbito do novo quadro comunitário, no valor de 27,5 milhões de euros. A cerimónia de apresentação do aviso decorreu ao final da tarde de ontem na Estação dos Elétricos da Carris, em Santo Amaro, com a presença do autarca Carlos Moedas e dos ministros das Infraestruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, e do Ambiente e Energia, Maria da Graça Carvalho.

ANTONIO COTRIM/LUSA

BREVES

Documentos caducados prorrogados até 2025

Está assegurado que os documentos caducados serão aceites como válidos até 30 de junho de 2025. O decreto-lei foi promulgado pelo Presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, e publicado no *Diário da República* (DR) em edição suplementar noturna. A medida era especialmente aguardada por imigrantes, que enfrentam dificuldades burocráticas em renovar a documentação na Agência para Integração, Migrações e Asilo (AIMA). Entre os estrangeiros a situação era mais crítica para os mais de 160 mil cidadãos com o título da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). O governo anterior não deixou um mecanismo de renovação do documento, o que prejudicou os utentes em termos de emprego e acesso à saúde, conforme vários relatos enviados ao DN. Neste prazo de um ano a meta do Ministério da Presidência é resolver o impasse com a Comissão Europeia e, assim, poder equiparar a atual folha de papel com *QR CODE* no mesmo modelo dos demais títulos de residência. Isso permitirá aceder a outros direitos, como circular pelo Espaço Schengen e reagrupar familiares, como filhos e cônjuges. **A.L**

Freguesia da Ajuda vai ter equipa para apoiar idosos

A Câmara Municipal de Lisboa (CML) comprometeu-se a instalar no antigo Hospital Militar de Belém, que vai acolher migrantes sem-abrigo, uma "estrutura com uma equipa multidisciplinar" para apoiar a população idosa da freguesia da Ajuda. Em declarações no final de uma reunião com o executivo municipal, o presidente da CURIFA – Comissão Unitária de Reformados e Idosos da Freguesia da Ajuda adiantou que essa "solução intermédia" proposta pela associação "foi aceite" pela autarquia. Segundo Vítor Pereira, na "reunião produtiva" estiveram o presidente da CML, Carlos Moedas (PSD), e a vereadora dos Direitos Humanos e Sociais, Sofia Athayde (CDS-PP), e firmou-se o compromisso de avançar com aquela solução "o mais rapidamente possível". Em resposta escrita à Lusa, a autarquia fez "um balanço muito positivo" da audiência, dando conta de que se chegou a "um entendimento", e confirmou que fará "uma proposta para criar um grupo de trabalho com representantes da freguesia com o objetivo de envolver a comunidade e concertar o acolhimento das pessoas em situação de sem-abrigo". Em causa está a decisão do governo de instalar um centro de acolhimento temporário de migrantes no antigo hospital militar, onde a autarquia lisboeta se tinha comprometido a construir um centro intergeracional.

Conselho de Administração - Marco Belo Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Manuel Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, José Pedro Soeiro e Mafalda Campos Forte **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt